

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa abordar a representação da cidade de Juiz de Fora, localizada na Zona da Mata de Minas Gerais, por meio do material televisivo produzido pela TV Integração, emissora afiliada da Rede Globo de Televisão. Buscamos analisar nessa monografia quais são os aspectos que a emissora, por meio de seu telejornal diário, representa a cidade em que está localizada.

Tendo como base as características da cidade, vamos analisar como o telejornal trabalha os investimentos simbólicos, como a memória, o patrimônio e sua vocação para prestação de serviços e difusão cultural. Na medida em que o MGTV transmite sua programação para 105 municípios, iremos verificar se ele prioriza os acontecimentos locais ou regionais.

A proposta é refletir sobre a identidade da cidade e da população construída pelo telejornal, e como esse noticiário valoriza os acontecimentos de Juiz de Fora após uma mudança editorial e de gestão. Queremos saber se as emissoras intituladas locais, a exemplo da TV Integração, ainda geram, em sua maioria, programas locais.

Para o desenvolvimento do trabalho, contamos com o suporte teórico de autores como Dominique Wolton, Rogério Bazi, Iluska Coutinho, Alfredo Vizeu, Christina Musse e Jhonatan Mata. Nosso recorte empírico foi constituído pelas gravações de edições do MGTV primeira edição veiculadas entre 21 e 25 de janeiro de 2013. Além disso, realizamos entrevistas com o Gerente de Jornalismo da TV Integração (emissora de Juiz de Fora) e com o editor-chefe do MGTV primeira edição, registradas em áudio.

Com relação à importância de estudar o tema, recorreremos a muitos pesquisadores brasileiros e de outras partes do mundo estudam a TV, este veículo fascinante que, segundo Sérgio Mattos (2010), “historicamente, tem absorvido sempre uma média entre 50 a 60% do total do bolo publicitário brasileiro”. O pesquisador e defensor da TV Dominique Wolton

acredita que o veículo desempenha um papel importante de laço social. Uma das explicações pode ser que “como objeto de estudo e consumo, a televisão não deixa ninguém indiferente, sendo constante alvo de controvérsias e discursos apaixonados e políticos que não contribuíram para estabelecer uma lógica do conhecimento”. (WOLTON, 1996, p. 34).

Em sua obra, o autor ainda destaca que, considerando a diversidade da programação exibida pela televisão, que são assistidos por todas as classes sociais, ela contribui para valorizar a identidade nacional e se constitui em um poderoso fator de integração social. É nesse contexto que a TV se faz importante para a difusão de informações e ideias, já que ela é um dos principais laços da sociedade. Por isso, buscaremos saber se a programação veiculada diariamente na emissora cria uma relação de pertencimento com a cidade e com a sociedade.

O autor Alfredo Vizeu defende a ideia de telejornalismo como uma nova “praça pública”. Para ele, os telejornais contribuem diariamente para a construção da realidade, criam relações de pertencimento entre a emissora e o público, além de desempenhar as funções de publicização dos fatos e de enunciação pedagógica, procurando tornar a informação e o seu significado mais familiar aos telespectadores. Ele ainda destaca que o jornalista reorganiza o mundo através dos vários olhares que lança sobre a sociedade, seja no local, regional, nacional ou internacional e que isso auxilia as representações identitárias de uma região.

Com base nos autores citados, na análise do telejornal e com as entrevistas realizadas, buscaremos responder duas questões: “Até onde a TV Integração, por meio do MGTV primeira edição, trabalha as características simbólicas de Juiz de Fora?” e “Na medida em que o telejornal busca representar o regional, ele deixa de representar o local?”.

A proposta de estudar a TV é válida porque, de acordo com Vizeu, esta não deve ser apenas assistida, ela precisa ser estudada a fundo. Por isso, ao longo do trabalho vamos discorrer sobre a história da TV e do surgimento do telejornalismo no Brasil, além de expor

que, cada vez maior das pessoas tem o desejo de saber notícias sobre o local onde vivem e de verem sua cidade bem representada no espaço televisivo. Uma das nossas premissas é que a globalização tenha contribuído para essa vontade das pessoas de assistirem o telejornalismo local. Para entender melhor esse fator, buscaremos fazer uma diferenciação entre jornalismo em rede nacional e jornalismo regional/local e destacar como a globalização contribuiu com o jornalismo regional.

O maior objetivo deste trabalho é mostrar como Juiz de Fora e sua população vem sendo representada no MGTV primeira edição, destacando o espaço destinado às questões locais, em quais editorias a cidade mais aparece, se essas matérias são, em sua maioria, factuais e quem são os entrevistados.

2. HISTÓRIA DA TELEVISÃO E O SURGIMENTO DO TELEJORNALISMO

Muitas vezes, a história do telejornalismo se confunde com a história da TV. A televisão surgiu em 1936, com a criação da British Broadcasting Corporation (BBC). Mas com o período da Segunda Guerra Mundial, as transmissões e o desenvolvimento da TV foram interrompidos e só voltaram a funcionar após o fim da guerra, se popularizando nos anos 1950, ano que ela chega ao Brasil.

No dia 18 de setembro de 1950, em São Paulo, a televisão foi inaugurada por iniciativa de Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo. A TV Tupi, que era transmitida no canal 3, entrou no ar sofrendo forte influência do rádio, que era o principal veículo de comunicação do país. Apenas um dia após sua inauguração, a emissora transmitiu o primeiro telejornal do país, chamado de “Imagens do Dia”. Exibido em preto e branco¹, ao vivo e tinha poucas imagens que eram exibidas sem sofrer o processo de edição, na verdade então montagem cinematográfica. O telejornal não tinha um tempo pré-determinado; ele durava o tempo que fosse necessário para mostrar todos os fatos e imagens coletadas.

Em 1952, o “Telenotícias Panair” substituiu o “Imagens do Dia”. Veiculado às 21 horas esse telejornal possuía equipamentos de melhor qualidade. Apesar do programa não ter durado muito tempo e ter sido substituído em 1953 pelo “Repórter Esso”, foi nessa época que começou a fase comercial da televisão.

O “Repórter Esso” representou um marco na história do jornalismo televisivo brasileiro, porque se tornou referência de informação e regularidade. Programa jornalístico então veiculado no rádio, patrocinado pela Esso, ele passou a ser veiculado na televisão sem sofrer qualquer mudança na sua linguagem ou estrutura. O jornalismo de televisão brasileiro baseou-se então no modelo do rádio, sem mudar as características de um veículo para outro.

¹ As transmissões televisivas no Brasil passaram a contar com a cor apenas ao final de 1972; a primeira transmissão em cores foi na Festa da Uva, em Caxias do Sul.

Era um rádio dentro da televisão, sem a utilização de imagens. As notícias eram produzidas e controladas por uma agência de publicidade e lidas diante das câmeras.

Em um curto espaço de tempo, esse formato apresentou mudanças. Foi incorporado o apresentador e surgiram imagens em movimento captadas inicialmente sem som, às quais eram associadas às narrações em off. Em 1970, a experiência do Repórter Esso na televisão chegou ao fim. Na verdade o fim do noticiário representou uma mudança de modelo de financiamento do telejornalismo. Nas primeiras décadas da televisão no Brasil, era comum que os programas fossem identificados pelo nome dos patrocinadores, a exemplo do “Repórter Esso”. Esse modelo chegou ao fim na década de 1960.

Com o surgimento do videoteipe e das transmissões via satélite na década de 1960, o ritmo das transmissões passaram a ser mais rápidos e houve uma melhora na linguagem visual. Até então, o jornalismo de televisão não possuía estilo próprio, mas foi a partir desse marco que ele começou a ter suas características diferenciadas em relação às outras mídias e passou a ter um espaço significativo na vida das pessoas.

Outro marco na história do telejornalismo no país, conforme destaca Rezende (1985, p.107), ocorreu em 1962 com o surgimento do “Jornal de Vanguarda”, que ia ao ar às 22h30. Esse noticiário contava com profissionais ilustres, como Cid Moreira, Millôr Fernandes, Vilas Boas Corrêa e Newton Carlos. O telejornal era apresentado de uma forma antes nunca vista, pois os jornalistas tinham liberdade de expressão. Após o golpe de 64, o jornal chegou ao fim, entretanto, devido ao sucesso que ele fez, seu modelo foi copiado por outras emissoras. Na década de 1970, a evolução tecnológica, a efetivação do modelo americano de televisão e a ditadura militar também marcaram a história do telejornalismo. Nessa época começou a ser difundido o uso do *cromaqui*² e do *teleprompter*³. Essas

² Fundo verde ou azul que fica atrás dos apresentadores, onde o diretor pode inserir outras imagens

³ Equipamento que faz com que o texto lido pelo apresentador fique diante de seu alcance visual

tecnologias permitiam que os telejornais ficassem visualmente melhores, aprimorando e padronizando o modelo do jornalismo na televisão.

Ainda entre os anos de 1964 e 1985, foram instaladas estações terrestres de satélites, houve ampliação do sistema telefônico e foram implantadas linhas de micro-ondas, o que possibilitou a transmissão da TV para todo o Brasil. Nessa época, o jornalismo passou a ocupar mais espaço na televisão e o telejornalismo passou a ter mais agilidade.

Ao falarmos da história da TV e do telejornalismo, não podemos deixar de citar as transmissões em rede nacional, história que se confunde com a da Rede Globo de Televisão. Inaugurada em 1965, em 1º de setembro de 1969, a emissora criou o “Jornal Nacional”, primeiro programa transmitido em rede nacional, o JN entrou no ar prometendo integrar o Brasil pela notícia, o que tornou-se possível por meio de rede terrestre e depois com ligações feitas por micro-ondas e transmissão via satélite.

Na história do jornalismo de televisão no Brasil, muitas emissoras surgiram: TV Tupi, TV Excelsior, TV Globo, TV Bandeirantes, TV Cultura, Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), Rede Manchete, Rede Record, entre outras. Todas tiveram seus telejornais, que apresentavam características próprias e que se modificaram ao longo dos anos.

Mas é na década de 1980 que a televisão brasileira atinge seu auge; um dos seus principais produtos é o telejornalismo, pois gerava lucro para as emissoras. Já na década de 1990, as redações passam a ser informatizadas e a chegada da Internet mudou a forma de se fazer jornalismo nas redações. Em 15 de outubro de 1996, outro fato marcante para o jornalismo: a inauguração do “Globo News”, primeiro canal de notícias brasileiro.

Desde seu início até os dias atuais, a televisão é direcionada às populações urbanas e visa o lucro; há poucas emissoras públicas no país. Além disso, conforme destaca Vizeu (2003) os noticiários televisivos ocupam um papel relevante na sociedade e ajudam a

construir a realidade, ou ao menos a percepção dela, uma vez que, para a maioria dos cidadãos, os telejornais são a principal fonte de informação.

2.1 TELEJORNALISMO EM REDE NACIONAL

Como destacou-se nesse capítulo, o primeiro programa gerado em rede nacional no Brasil foi o Jornal Nacional, transmitido desde 1969 pela Rede Globo. Com ele, surge o modelo de transmissões de programas em rede e a perspectiva de uma integração nacional, na época uma perspectiva que interessava aos militares e sua ideologia de segurança nacional.

Conforme destaca Coutinho (2008), inicialmente, a interligação via rede terrestre de micro-ondas não atingia todo o território nacional. Durante cerca de vinte anos o conteúdo e o alcance dos telejornais era apenas local. Até a década de 1980, com a chegada do satélite, apenas as regiões Sul, Sudeste e parte do Nordeste brasileiro possuíam interligação. Não por acaso são nessas regiões que há maior concentração populacional e também da renda nacional.

Ainda segundo a autora, o acesso à tecnologia de transmissão em rede nacional de TV foi viabilizado graças ao orçamento público. A chamada “rede nacional” atendia aos interesses do governo militar e do mercado publicitário, no entanto, ela reduziu os sotaques e sabores regionais então presentes nas emissoras de televisão espalhadas pelo país.

Organizadas em redes nacionais, as emissoras brasileiras desde então se reúnem por meio de contratos de afiliação. Nessa estrutura, a significativa maioria dos conteúdos veiculados ao longo da programação é produzida pela chamada “cabeça de rede” e reproduzido pelas emissoras afiliadas que estendem o sinal da rede por diversos estados e municípios, garantido alcance nacional. (COUTINHO, 2008, p. 92)

As redes permitiam que os conteúdos fossem transmitidos a toda população brasileira, ou seja, as mesmas imagens eram disponibilizadas ao mesmo tempo. Hoje, o modelo de organização e funcionamento das emissoras brasileiras é constituído em rede nacional de televisão por meio de contratos de afiliação. Além disso, as emissoras de TV que

possuem contrato de afiliação com uma rede, reproduzem a programação gerada e ocupam com programas de caráter local/regional apenas os espaços cedidos pelas redes.

Os contratos de afiliação reservam um papel central no telejornalismo no que diz respeito à constituição de uma identidade nacional e quanto à possibilidade de veiculação de produções de caráter voltado para as questões locais nas emissoras afiliadas.

2.2 O GLOBAL X O LOCAL

Uma característica marcante da grande mídia, a exemplo da Rede Globo de Televisão, é a preocupação com fatos nacionais e globais e seu “esquecimento” com fatos regionais e locais. De forma associada, um dos fatores que contribui para o aumento da necessidade de informações, principalmente regionais, é a globalização. Assim, globalização da comunicação possibilitou, além da quebra de barreiras, o apego das pessoas as suas raízes. De acordo com Cabral (2006), a regionalização da mídia brasileira é necessidade dos meios de comunicação que vem se organizando pra conquistar a fidelidade do público que busca a preservação da cultura e informações de qualidade ligadas a sua realidade.

Segundo Cicília Peruzzo (2005), a globalização torna a cultura regional/local ou comunitária mais conhecida, proporcionando uma valorização, ou seja, o nível de distribuição de conteúdos e informação tende a valorizar os aspectos regionais e culturais. Ainda de acordo com a autora, com o desenvolvimento da globalização, inicialmente chegou-se a pressupor o fim da comunicação local, mas depois se constatou o contrário, ou seja, a revalorização do local em diferentes contextos e formas (2005, p. 70).

O fim da comunicação local seria algo inviável para as emissoras de televisão, pois também existe um interesse comercial nessas transmissões regionais. Além disso, como destaca Coutinho (2008),

Os telejornais de produção local seriam o lugar prioritário da criação de uma relação de pertencimento en-tre emissora e público e ainda um dos espaços privilegiados de construção da própria identidade da região/localidade, uma vez pressuposta a

credibilidade de emissora e noticiário (s) junto a seus telespectadores. (COUTINHO, 2008, p.98)

Para Rogério Bazi, a regionalização das emissoras de televisão é um passo importante, pois

A globalização dos meios de comunicação proporciona às empresas do ramo, no caso a televisão, ampliar seus horizontes publicitários e sua abrangência. Ao mesmo tempo, coloca o telespectador em uma situação mais confortável quanto à diversidade na procura de informação e de prestação de serviço. (BAZI, 2001, p. 17)

Diversos autores apontam a regionalização da televisão como um dos principais fatores de sobrevivência das emissoras no Brasil. De acordo com Peruzzo, apesar da centralização de produção nacional de mídia, as produções locais nunca perderam atividade e, apesar de pouco espaço na grade de programação, ela sempre está presente, muitas vezes em forma de noticiários locais. (Peruzzo, 2005, p.03)

2.3 TELEJORNALISMO REGIONAL/LOCAL

De acordo com a pesquisadora Simone Martins, em seu artigo “A Construção da Identidade no Telejornalismo Regional: O Processo de Produção da Notícia no MGTV1”, o telejornalismo regional passou por três fases diferentes ao longo dos anos. A primeira ocorreu até os primeiros anos da década de 1970, quando as produções locais se destacavam em grande parte devido a limitações de tecnologia. Nesse período, ainda não se podia contar com a exibição de imagens a longas distâncias. Contudo, a partir do surgimento do videoteipe e das transmissões via satélite, ganham destaque as programações de redes nacionais, produzidas em grandes centros, como Rio de Janeiro e São Paulo.

Na década de 1980, a Rede Globo implanta o processo de regionalização dos telejornais em suas afiliadas, a exemplo do processo ocorrido na TV Integração, objeto do nosso estudo. A regionalização foi um passo importante para os telejornais, pois nesse período, houve mudanças na característica do telejornalismo. As temáticas locais passaram a

ter mais espaço na produção de conteúdos e na exibição nacional por parte das emissoras, sobretudo no que diz respeito aos telejornais.

Conforme destaca Bazi (2001), em outubro de 1988, a Globo coloca em prática o “Projeto Regional do Futuro”. A intenção era conceder mais autonomia às cinco emissoras regionais do grupo Marinho e melhorar o serviço, proporcionando melhor infraestrutura a fim de que as emissoras se tornassem mais locais. Entre essas emissoras, quatro eram paulistas e a quinta estava localizada em Juiz de Fora.

Cabe ressaltar que a mídia regional, muitas vezes, está ligada a aspectos políticos e partidários. Isso pode acarretar uma limitação de divulgação das informações. Entretanto, Peruzzo (2005) afirma que a população de diversas localidades demanda produção de informação regional e existe também interesse comercial dos veículos nesses tipos de produções midiáticas locais. Além disso,

A exigência de produção de material audiovisual local é prevista em lei, embora sua fiscalização em geral também fique apenas no papel. Geralmente a produção realizada pelas emissoras afiliadas tem caráter jornalístico ou integraria a categoria informação. (COUTINHO, 2008, P. 92)

A regionalização também é ligada aos aspectos mercadológicos, pois a televisão explora o aspecto regional como nicho de mercado para o mercado publicitário/comercial. Essa tendência de regionalizar as mídias é importante porque possibilita que o anunciante regional consiga divulgar sua marca com mais facilidade, visto os valores de mídia também serem estabelecidos de acordo com a cobertura/ alcance regional. Para Bazi (2001),

Essas emissoras regionais representam para a Rede uma grande fonte de lucro e, além disso, são elas que conseguem, por meio de telejornais e programas regionais, manter o vínculo estreito com a comunidade. (BAZI, 2001, p. 34)

Conforme destaca Bonner, para a rede é fundamental a participação das afiliadas que fazem com que o jornalismo da Rede Globo faça presente em todas as regiões do Brasil.

Ao todo, a rede inclui, hoje, 121 emissoras bem distribuídas, numa malha complexa. As vantagens são muitas, para o público, para as emissoras e para a Rede propriamente dita. O telespectador pode acompanhar de perto, pelo jornalismo comunitário, os problemas que afetam sua cidade e seu estado. (BONNER, 2009, p.33)

Apesar da importância dessas emissoras, um fator delimitador à produção regional de conteúdo na mídia é o tempo que as redes maiores destinam a produção local, ou seja, as grades de programação são limitadas. Teoricamente, a regionalização é demarcada de acordo com as necessidades de cada local. A mídia regional se apoia na informação gerada em seu território, ou seja, onde pertence a sua identidade. Todavia, não há uniformidade no tipo de vínculo dos meios de comunicação em suas regiões, pois a inserção vinculada localmente depende da política editorial de cada veículo.

Atualmente, com a facilidade de acesso às informações, a preocupação das pessoas em ver o lugar onde vivem aumentou. É nesse ponto que a questão local passa a assumir sua importância no contexto da comunicação, especialmente na TV brasileira, que é um dos meios de comunicação mais centrais do país. Na medida em que as pessoas buscam se enxergar na televisão, como destaca Coutinho, surge a identidade com a emissora, a credibilidade de seu jornalismo e a capacidade desses de atrair anunciantes locais. Por isso a importância do jornalismo local buscar uma identidade com seu público.

Para Jean-François Tétu (1997), as pessoas têm necessidade de informação sobre os acontecimentos a seu redor, que não são noticiados pelos meios de comunicação nacionais e internacionais. E, uma vez que as emissoras se intitulam regionais, é relevante destacar as características da cidade e o que acontece na mesma e em seus arredores.

Mas também as emissoras de TV de caráter nacional têm que respeitar as diversidades regionais: mercadológicas, culturais e de recursos humanos. Também, em um telejornal regional, é fundamental que apareçam assuntos de mais de uma cidade, a fim de que não se tenha um jornal local. Mas, de acordo com Bourdin, as relações de identidade cultural e social seriam reforçadas por meio da programação telejornalística de caráter local.

2.4 DRAMATURGIA NO TELEJORNALISMO

Mocinho, vilão, herói, vítima, expert ou especialista, mediador, aliado ou parceiro, competidores, beneficiado, “musa” ou troféu em disputa, neomocinho ou vilão regenerado, vilão implícito e personagem misterioso. De acordo com Coutinho (2006), esses são os papéis assumidos pelos personagens apresentados nas edições dos telejornais, estruturados segundo a dramaturgia no telejornalismo.

A dramaturgia no telejornalismo envolve uma estrutura narrativa característica do drama nas notícias televisivas e, de acordo com Coutinho, esta seria favorecida por uma tendência intrínseca ao veículo, à sua forma de ordenamento das informações: a serialidade.

As notícias veiculadas na TV são compostas, basicamente, da captação, seleção e apresentação. A captação poderia ser considerada como a pauta e apuração. É a partir da primeira que o editor saberá o que de mais importante está acontecendo e o que poderá surgir de novidade para que entre no programa do dia. É nessa ação que se inicia o processo de construção do espelho⁴.

Na seleção, entram os critérios de noticiabilidade, que serão abordados posteriormente. É nesse momento em que os responsáveis fazem a seleção do que será veiculado e do que não será. Aqui eles escolhem o que é notícia, o que é factual e quais são as matérias frias; começa o processo de edição para que seja feita a apresentação do telejornal.

Todo o processo de produção, edição e apresentação das notícias envolvem uma dramaturgia. Esta é fundamental para a construção da notícia na televisão, pois é ela que vai estruturar a matéria. Ainda conforme Coutinho, a narrativa é construída por meio de textos, imagens e sonorização, envolve falas e trilhas sonoras.

No artigo “A dor da gente (também) sai no (tele) jornal: A vitimização da população no telejornalismo local”, Coutinho, Fernandes e Mata destacam que as ações se

⁴ É o cronograma de como o telejornal irá se desenrolar. Prevê a entrada de matérias, notas, blocos, chamadas e encerramento do telejornal.

desenrolam na medida em que conhecemos os personagens e outros elementos da estória, como cenários, contexto e referências temporais. Consideramos como personagens todos aqueles que entram na matéria, inclusive os repórteres. Segundo Iluska Coutinho, a partir do momento em que o conflito é apresentado para os telespectadores, as ações começam a se desenrolar e há uma tentativa de solução; a busca é por finalizar a matéria com uma lição de moral.

[...] o que os telespectadores acompanham nos telejornais é uma soma de pequenas tentativas de repetição de alguns fatos, amarrados pelos textos de repórteres e apresentadores, uma “imitação da ação” ou das ações humanas, tal como a definição de Aristóteles para a palavra drama. O sentido de “imitação” tal como proposto pelo filósofo abrange o de representação, no caso, de um conflito que se desenvolveria, sempre com a busca de sua resolução, através das ações dos personagens da estória, da narrativa (COUTINHO, 2003, p.167 apud MATA, 2010, p. 53)

As ações, os personagens e a mensagem moral das matérias jornalísticas são componentes essenciais das narrativas dramáticas. Por este motivo, segundo Coutinho, é possível considerar a organização das notícias em TV como a dramaturgia do telejornalismo.

2.5 CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE EM TV

Como uma emissora decide exibir uma notícia ao invés de outra? Como é o processo de escolha das matérias? Os critérios de noticiabilidade, também conhecidos como valores notícia, ajudam os responsáveis na redação a definirem o que é e o que não é notícia, o que deve e o que não deve ser noticiado.

Geralmente, nos setores de uma redação jornalística são conferidos trabalhos aos diversos profissionais envolvidos nesse ambiente. Em decorrência disso, a decisão sobre o que vai ou não ser noticiado passa pelo profissional responsável, na maioria das vezes, o editor-chefe, que analisará a qualidade, o impacto e a oportunidade de divulgação da notícia. Em alguns casos, pode acontecer da decisão ser tomada pelo chefe de redação, pelo chefe de departamento de jornalismo ou mesmo pelo diretor da emissora, ou, em casos especiais, da junção de todas as opiniões.

Quanto mais valores notícia um acontecimento reunir, maior a chance de esse fato ser noticiado. Traquina dividiu os valores notícia em duas categorias: seleção e construção. Os de seleção são divididos em substantivos, ou seja, aqueles ligados a natureza da notícia, e os contextuais, critérios ligados ao processo de produção da notícia. Os substantivos são: proximidade, notoriedade, relevância, novidade, tempo, notabilidade, morte, inesperado, conflito, infração e escândalo. Já os contextuais são: equilíbrio, disponibilidade, visualidade, concorrência e dia noticioso.

Os valores notícia de construção seriam os critérios de seleção dos elementos dentro do acontecimento que merecem serem incluídos na elaboração da notícia. São eles: dramatização, consonância, personificação, relevância, simplificação e amplificação.

Já Mauro Wolf (1999) definiu seis critérios que auxiliam os jornalistas de grandes veículos a decidir quais acontecimentos serão notícias: proximidade, atualidade, identificação social, intensidade, ineditismo e identificação humana. Também são necessários clareza, precisão, objetividade e rapidez.

O valor de proximidade é um dos mais importantes para o jornalismo regional, pois quanto mais próximo o acontecimento estiver do público, maiores as chances dele ser veiculado. É de suma importância que ele seja estudado, pois essa relação é pertinente ao estudo das representações simbólicas de Juiz de Fora no MGTV. Cabe ressaltar que o critério proximidade não é definido apenas geograficamente, ou seja, essa relação não é medida em quilômetros. A informação de proximidade é “aquela que expressa às especificidades de uma dada localidade”; alguns autores ressaltam também a proximidade de interesses, afinidades. Em todas as perspectivas de entendimento do termo local, é importante retratar os acontecimentos da região e respeitar um dos princípios básicos do jornalismo: ouvir mais de um ponto de vista.

Para que uma mídia local tenha audiência, é necessário que ela veicule informações do local onde está instalada. Isso é primordial, pois com a globalização, as pessoas passaram a querer saber mais sobre o lugar onde vivem, ou seja, houve uma revalorização das questões locais.

Os autores Renato Ortiz e Alain Bourdin conceituaram a questão local dizendo que a proximidade está relacionada com a questão de pertencimento. Para os autores, cada região tem aspectos específicos e, a diversidade deve-se ao fato do local poder ter várias diferenças e a familiaridade ser obtida por meio das identidades e raízes históricas e culturais de cada meio no qual a sociedade se insere e se reconhece.

Com base nesse conceito, percebemos que muitas vezes a mídia local não consegue explorar de forma adequada o local. De acordo com Alvim (2006), “isto ocorre quando os meios de comunicação regional repetem os padrões e estratégias da “grande mídia” e inibem a valorização do local.” Como exemplo, podemos citar a questão do sotaque típico de cada região, que é inibido muitas vezes na tela de televisão.

Porém, conforme destaca Rosa, “uma das características que o Ministério das Comunicações e as redes de comunicação levam em conta na hora de traçar as áreas de cobertura das emissoras regionais não se restringe a questões econômicas e geográficas, mas também ao sotaque local. A emissora regional deve ter proximidade com a população, tendo assim o mesmo sotaque das localidades onde seu sinal alcança.” (ROSA, 2009, p. 13)

Atualmente, a tendência é valorizar a regionalização da produção, entretanto, antes da globalização, o interesse na mídia local não era grande. O importante era divulgar os produtos midiáticos nacionais, e não as questões regionais/locais. Algumas informações que retratam nossa região geográfica, ou seja, Minas Gerais são distantes para quem assiste. Por outro lado, algumas vezes, mesmo em estados diferentes, como no Rio de Janeiro, por exemplo, esse tipo de informações é mais próximo da nossa realidade. Isso ocorre porque a

relação entre Juiz de Fora e Rio de Janeiro é maior do que a relação entre Juiz de Fora e Belo Horizonte, apesar da distância geográfica.

No capítulo seguinte, buscaremos traçar um panorama sobre as características simbólicas de Juiz de Fora, além de fazer um breve histórico sobre a história da TV na cidade que, segundo Fernandes (2010, p 10), “possui uma narrativa de ter sido a primeira cidade do interior da América Latina a ter uma emissora geradora de sinal televisivo”, o que explicaria o atributo do pioneirismo.

3. A TV INTEGRAÇÃO COMO OBJETO DE ESTUDO

Para analisar as representações das características simbólicas de Juiz de Fora/MG por meio do telejornal produzido pela TV Integração, teremos como foco de estudo a cidade, destacando suas características simbólicas, além do MGTV primeira edição.

A fim de compreender melhor as características que Juiz de Fora carrega e quais são suas particularidades, iremos destacar onde a cidade se localiza, sua vocação para prestação de serviços, sua propagação cultural, entre outras características atribuídas a cidade, (re)conhecida pelo título de “Manchester Mineira”.

Também buscaremos fazer um breve panorama sobre a história da televisão em Juiz de Fora, município considerado pioneiro também por ter sido o primeiro do interior da América Latina a receber um sinal gerador de TV. Tomamos como ponto de partida desse resgate as histórias da TV Mariano Procópio, a TV Industrial e vamos falar sobre a atual TV Integração, além de outras duas emissoras da cidade: a TV Alterosa e a TVE. Além disso, nesse capítulo evidenciamos quais seriam as características identitárias de uma mídia denominada local e os vínculos possíveis entre ela e a população, com destaque para o jornalismo de proximidade.

3.1 CARACTERÍSTICAS LOCAIS

Juiz de Fora é um município brasileiro de porte médio localizado no sudeste do estado de Minas Gerais. Integra a Zona da Mata Mineira e localiza-se a cerca de 280 km da capital Belo Horizonte, e a 170 Km do Rio de Janeiro. De acordo com censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a cidade tem 517.872 habitantes, o que a caracteriza como o quarto município mais populoso de Minas. O Índice de Desenvolvimento Humano da cidade é de 0,828, patamar considerado elevado para Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento.

A cidade está próxima de três grandes centros, Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte, consideradas as três maiores capitais brasileiras. O município de porte médio faz parte do eixo industrial das cidades próximas às rodovias BR040 e BR116.

O município conta ainda com uma importante tradição cultural, que vai desde o seu artesanato até o teatro, a música e o esporte. Juiz de Fora também é destaque no turismo, com seus diversos atrativos culturais, naturais e arquitetônicos. Exemplos de espaços culturais na cidade são o Museu Mariano Procópio, o Centro Cultural Bernardo Mascarenhas e o Cine Theatro Central.

Em sua dissertação, Mata (2011) ressalta que Juiz de Fora possui características míticas, como seu espírito empreendedor e de vanguarda, além da tensão entre conservadorismo e progresso, que marcam a identidade da cidade. O autor também destaca aspectos ou marcos e denominações identitárias que fazem com que o juiz-forano se reconheça, entre eles: Princesa de Minas, Manchester Mineira, Cosmopolita e/ou Provinciana.

Ao longo de seus 160 anos de fundação, Juiz de Fora – e, conseqüentemente, “seu povo” – vêm recebendo definições que, longe de delimitarem uma identidade fixa, refletem a fluidez simbólica com a qual a mesma é encarada. (MATA, 2011, p. 31)

Ainda conforme o autor, a indefinição entre o cosmopolitismo e o provincianismo de Juiz de Fora torna difícil e essencial à atribuição de uma identificação coletiva ao telejornalismo local. Para ele, “quando se abordam questões como memória e patrimônio, os discursos sobre as cidades tentam forjar-se na efetivação de prioridades que aparentam uma construção coletiva, numa tentativa de mascarar o caráter intrínseco de disputas simbólicas que todo discurso fomenta.” (BARREIRA apud MATA, 2011, p. 35).

Além disso, Mata também discorre sobre a representação de quem seriam os “juizforanos” representados pelos telejornais locais.

Ao mesmo tempo em que se tenta estabelecer um discurso de tradicionalismo e provincianismo mineiro, marcado pela força da “vizinhança” e da religiosidade, a identidade juizforana tem seu viés de Manchester Mineira, focado na vanguarda e na negação da mineiridade tradicional, naquilo que poderíamos classificar como “não-mineiro”, ou “forasteiro” na concepção estruturalista de Lévi-Strauss. (SILVA apud MATA, 2012, P. 24)

De acordo com Christina Musse, “a imprensa juizforana trata de intitular a cidade como capital intelectual de Minas” (2006, p. 86). A cidade passou a ser conhecida como "Manchester Mineira" na época em que seu pioneirismo na industrialização a fez o município mais importante do estado. Com a grande crise econômica de 1929, a economia dos municípios mineiros ligados à cafeicultura sofreu grande abalo. Juiz de Fora só conheceu um novo período de desenvolvimento a partir da década de 1960.

Além disso, Juiz de Fora é considerada uma cidade pólo pela prestação de serviços para os municípios de seu entorno, por sua ampla difusão cultural e por poder contar com um forte comércio. Entre os serviços oferecidos pela cidade aos municípios vizinhos estão hospitais, universidades, opções de entretenimento, entre outros. A cidade também conta com diversas fábricas têxteis, além de empresas de diversos segmentos localizadas em seu Distrito Industrial.

Também em Juiz de Fora, como em outros municípios brasileiros, a mídia é um elemento de suma importância na determinação de quais representações da cidade vão prevalecer. E, na medida em que as empresas jornalísticas da cidade trabalham as variadas vocações da região, o município tende a valorizar-se. Tais características citadas podem ter sido construídas para valorizar uma região. Essas seriam vocações que, por sua identificação ou reconhecimento na cidade, seriam trabalhadas na mídia local para atrair turistas, comércio e público (audiência).

3.2 BREVE HISTÓRICO SOBRE A HISTÓRIA DA TELEVISÃO EM JUIZ DE FORA

Conhecido por seu pioneirismo, Juiz de Fora foi o primeiro município do interior da América Latina a ter uma estação geradora de sinais de TV. Apesar de muitos estudiosos contarem a história da TV a partir do surgimento da TV Industrial, inaugurada em 29 de julho de 1964, a primeira emissora de televisão da cidade foi a TV Mariano Procópio, que

funcionava desde o início dos anos 1960 e foi inaugurada oficialmente no dia 10 de outubro de 1961.

De acordo com Livia Fernandes (2010), a TV integrava o grupo dos Diários Associados (DA) de Assis Chateaubriand, que possuía na cidade dois jornais impressos e uma emissora de rádio. Além disso, a emissora produzia um bloco com cinco minutos de notícias locais que era veiculado no Jornal Tupi do Rio de Janeiro. A TV Mariano Procópio foi uma iniciativa do diretor dos Diários Associados, Renato Dias Filho. Inicialmente, ela retransmitia a programação da TV Tupi.

Em 1961, ela começou a funcionar em caráter experimental focando na programação local. Seu primeiro programa foi o “Boa Vizinhança”, que entrou no ar às 9h50 do dia 10 de outubro de 1961. A população também podia contar com programas telejornalísticos.

A primeira experiência de jornalismo na TV juizforana aconteceu antes mesmo da emissora ser inaugurada oficialmente. O Diário Mercantil de 05 de outubro de 1961, cinco dias antes da programação de abertura oficial da TV Mariano Procópio, anunciava o “Telefoto Jornal” na grade de programação. (FERNANDES, 2010, p. 75)

O “Telefoto Jornal” era exibido às 20h15, após a exibição do “Repórter Esso”, e durava cerca de cinco minutos. Segundo a autora, “o jornalístico veiculado na TV era feito inteiramente da partir de slides, material fotografado por Jorge Couri.” (FERNANDES, 2010, p. 75). O telejornal durou, aproximadamente, três anos.

A segunda emissora da cidade foi a TV Industrial, propriedade do empresário Sérgio Mendes e de seus filhos Geraldo e Gudesteu. Ela ficava localizada no Morro do Cristo e tinha uma programação totalmente local, principal característica da emissora de TV. A maioria de seus programas eram apresentados ao vivo. Entre eles, programas jornalísticos, educativos, cobertura de eventos esportivos, entre outros. O nome da emissora era uma tentativa de retomar o espírito inovador da cidade, e seu passado industrial, das fábricas de tecidos.

O primeiro programa jornalístico exibido foi “A hora é a notícia”. O programa era composto por entrevistas em estúdio e matérias de política, economia, cidade, cultura, esporte, entre outras. A emissora enfrentou crises e, em 1980, foi comprada pela Rede Globo, passando a se chamar TV Globo Juiz de Fora. Segundo Maia (2005, p. 03), “a programação local a partir daí se restringia a alguns minutos diários nos telejornais. O público, passada a ilusão de que o local iria ganhar mais destaque no nacional, contentou-se com o fato de haver uma grande emissora na cidade.”

Com a compra pela TV Globo, 90% da programação veiculada pelo canal era ofertada pela rede, isso é, não tinha caráter local. Além disso, a emissora passou a seguir uma nova linha editorial e buscou se adequar, em termos técnicos e de linguagem, para seguir o “Padrão Globo de Qualidade”.

Tendo a necessidade de investir na identificação com as diferentes cidades e estados, a TV Globo lançou em finais da década de 1980 uma proposta de regionalização, também da produção. Assim, em 1998 a TV Globo Juiz de Fora passou a se chamar TV Panorama, embora a emissora local permanecesse como propriedade do grupo Roberto Marinho.

Em 2003, a Rede Globo passou por dificuldades financeiras e vendeu suas emissoras do interior. Naquele ano, a TV Panorama foi comprada pelo empresário Omar Rezende Peres. Conforme destaca Coutinho (2005), a Rede Globo optou pela venda de emissoras localizadas fora dos grandes centros como estratégia comercial.

Assim, a TV Panorama é vendida para o empresário Omar Peres, secretário de Indústria e Comércio de Minas Gerais no governo Itamar Franco. A emissora se torna então o ponto central das chamadas Organizações Panorama que, atualmente, incluem a Rádio Panorama FM, o Jornal Panorama, o portal Ipanorama.com e a PanShow, empresa de eventos. (COUTINHO, 2005, p.01)

No caso da TV Panorama, uma mudança importante ocorreu no jornalismo. Nosso objeto de estudo empírico, O MGTV, telejornal com duas edições passou a ser produzido inteiramente em Juiz de Fora. Outros programas entraram no ar, como o Panorama Revista

um programa de cultura e entretenimento, veiculado aos domingos, e o Panorama Esporte, espécie de boletim diário voltado para as práticas esportivas na região da Zona da Mata.

Em 2007, 50% das ações da TV Panorama foram vendidas para a TV/ Rede Integração. A Rede Integração é formada por emissoras de TV com sede em Uberlândia, Araxá, Ituiutaba e Juiz de Fora. Especificamente, a emissora com sede em Juiz de Fora abrange 105 municípios e 1,9 milhão de telespectadores. Ao todo, a TV Integração abrange 233 municípios do Triângulo Mineiro, Centro-Oeste, Alto Paranaíba e Noroeste de Minas e seu sinal atinge uma população de mais de 5,5 milhões de habitantes. Com a aquisição da TV Panorama, a empresa do Triângulo Mineiro conseguiu formar o maior grupo de comunicação do interior de Minas Gerais. (*Ver Tabela 1*)

Hoje, a TV Integração Juiz de Fora conta com diversos programas de produção/ veiculação local/ regional: “Bem Viver”, “Carona”, “Bom Dia Minas”, “Integração Notícia”, “MGTV 1ª Edição”, “MGTV 2ª Edição” e “MG Rural”. Os três primeiros tem caráter regional, oferecendo conteúdo diverso daquele veiculado em rede nacional, mas cuja produção é realizada por outras emissoras da Rede Integração ou pela Globo Minas (Bom Dia Minas).

Área de cobertura da TV Integração

Exibidoras	Uberlândia	Ituiutaba	Araxá	Juiz de Fora	Total
Municípios	33	28	67	105	233
População	1.429.592	724.901	1.416.582	1.957.148	5.528.233
DTV	449.726	233.970	440.512	620.619	1.744.827
IPC (%)	0,814	0,436	0,752	1,036	5.445.437
TP	1.404.176	714.075	1.399.530	1.927.656	3,038

Fonte: <http://redeglobo.globo.com/mg/tvintegracao/noticia/2011/11/area-de-cobertura.html>

Na linha do tempo da televisão juizforana, a terceira emissora de televisão instalada na cidade foi a TVE-JF, propriedade da Fundação Educacional Pio XII, inaugurada

em 1981 como afiliada da TVE Rio. O diretor da TV era então Josino Aragão⁵, empresário que também possuía uma rádio educativa (Rádio Globo AM 910 Khz) e um jornal impresso (Diário Regional); os veículos constituem o Sistema Regional de Comunicação (Sircom).

Desde sua inauguração, a programação da TVE era predominantemente carioca. Isso só mudou em 1989, quando a emissora passou a produzir programação local. Um desses programas era o “Mesa de Debates”, veiculado na TV e na rádio; no programa convidados debatem algum tema de destaque na cidade.

Atualmente, a TVE-JF é afiliada da Rede Minas e tem priorizado ampliar a produção dos programas locais, entre eles: “Jornal da TVE”, “TVE Informa”, “Mesa de Debates”, “Camisa 12”, “Espaço Aberto”, “Gente & Empresa” e “Jane Aragão Convida”.

A história da quarta e mais recente emissora de TV em Juiz de Fora começa em 1990 com a inauguração da TV Tiradentes, então também propriedade do empresário Josino Aragão. O objetivo dessa emissora, que ocupava o canal 10, era produzir programas de caráter local.

Inicialmente, a TV era afiliada do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) e veiculava telejornais e programas de auditório. Depois, foram inseridos na grade de programação materiais policiais, esportivos, jornalísticos, programas de calouros e mesas de debates que abordavam os problemas locais. Como consequência de problemas internos, vários programas chegaram ao fim e a emissora se afiliou a Bandeirantes e, posteriormente, a Rede Record. A instabilidade agravou-se e em 1999 a emissora foi vendida ao grupo Diários Associados de Minas, que tem sua sede na capital Belo Horizonte. Como parte das emissoras associadas, passa a ser chamada de TV Alterosa Juiz de Fora e torna-se afiliada do SBT. Hoje, conforme destaca Mata (201), a programação da emissora é voltada para as camadas populares.

⁵ Josino Aragão faleceu em 2008, tendo sido até então um personagem importante na mídia juizforana.

No início, o único programa da emissora era o Jornal da Alterosa Edição Regional, veiculado seis vezes por semana, de segunda a sábado. As matérias exibidas no telejornal eram, em sua maioria, compostas por reportagens em plano sequência. Atualmente, a TV Alterosa exibe em Juiz de Fora cinco programas na programação regional: “Jornal da Alterosa edição regional”, “Alterosa em Alerta”, “Fatos em Foco”, “Café com TV” e “Alô Doutor”.

Na cidade também há a retransmissão de cinco canais abertos: TV Rede Record, TV Assembleia de Minas, Bandeirantes, MTV e Canção Nova. Além disso, atualmente Juiz de Fora conta com três emissoras geradoras: TV Integração, TV Alterosa e TVE Juiz de Fora. Conforme destaca Fernandes, foi por meio dessas três geradoras que a televisão estabeleceu uma proximidade com o município.

As mensagens veiculadas permitem identificar como este meio de comunicação tem constituído e reforçado identificação com a cidade. Em especial o telejornalismo, que com uma produção diária pretende refletir por meio de imagens o cotidiano da cidade. (FERNANDES, 2010, p. 59)

3.3 IDENTIDADE DE UMA EMISSORA LOCAL

Uma emissora local possibilita que grupo de mídia e região em que este atua se intercomunique e se identifiquem, na medida em que ela oferece informações adequadas às necessidades da comunidade, e por meio de sua programação estimula à consciência crítica e revaloriza a cultura local.

A regionalização dos veículos de comunicação tem se tornado cada vez mais comum. A forma de trabalho das chamadas “grandes mídias” é repetida nas mídias regionais, que veiculam notícias nacionais ou temas mundialmente relevantes com um enfoque regional ou colocam em destaque informações regionais que não tem espaço nas mídias nacional e local. Um exemplo disso é o compartilhamento de informações de Belo Horizonte, Araxá, Uberlândia, Uberaba e outros no MGTV transmitido para Juiz de Fora e região. Pela distância de algumas cidades em relação a Juiz de Fora, essas notícias não caberiam em um jornal local.

Apesar de inicialmente ter um aspecto positivo, dada a limitação de tempo no noticiário televisivo, pode fazer com que essa tentativa de representar Minas Gerais como um todo impossibilite a real representação das características simbólicas de Juiz de Fora e dos seus verdadeiros problemas e necessidades.

Em nossa pesquisa buscamos identificar se pode-se perceber um comprometimento da empresa de comunicação regional com os poderes da cidade. Isso acarretaria em uma perda de informações que seriam relevantes para a população, problema percebido nesse tipo de organização midiática regional ou local.

Os jornais e as televisões, na prática, estão envolvidos em contradições, motivadas por vínculos políticos e interesses econômicos, que além de comprometer a informação de qualidade e isenta, acabam por produzir estilos e menosprezar a força do local enquanto fonte de informação. (PERUZZO, 2003, p.84)

Outro fator que buscamos analisar é a repetição de assuntos. Para Tétu (1997, p. 41), “a informação parece ser certificadora, demonstrativa, banalizante e promocional”. Além dessa semelhança nas informações veiculadas, uma característica marcante das emissoras locais é o exagero no uso de fontes oficiais, o que pode representar a prática de um jornalismo declaratório. A consequência disso é a falta de informação de qualidade para o público.

No caso das emissoras de televisão, estruturadas em rede, a tensão é entre a programação nacional e a própria. O espaço na mídia local existe, porém ele é reduzido por conta dos limites impostos e dos horários pré-definidos. Outro problema enfrentado pelas emissoras locais é a perda das características locais pelo padrão exigido pela Rede

A exigência de enquadramento nos padrões nacionais das grandes redes, que direcionam as temáticas e o modo de expressão, acabam por inibir o afloramento dos sotaques regionais e maior inserção de mão-de-obra local. (PERUZZO, 2005, p.72)

Segundo Peruzzo (2003, p. 02), “os meios de comunicação se auto denominam comunitários para se mostrarem vinculados localmente e com isso desfrutarem de credibilidade.” Por isso, cabe aqui uma diferenciação do que seria uma mídia local e uma mídia comunitária.

No veículo comunitário, as etapas de produção e de planejamento não podem ser realizadas apenas por especialistas em jornalismo. A participação da comunidade não pode ser restrita às etapas de recepção e de contribuição eventual. A comunicação comunitária envolve a participação popular de forma autônoma, da gestão à produção de conteúdos. Essa é uma forma de atender as demandas locais mediante o exercício da cidadania a partir dos próprios cidadãos.

Já a mídia local é normalmente uma empresa privada. Como empresa, ela precisa gerar lucros, então seus interesses mercadológicos são à base da emissora. Com isso, o espaço para a informação local, muitas vezes, fica restrito por conta da publicidade e/ou dos custos de produção. Além disso, muitas empresas de comunicação são oriundas de órgãos públicos governamentais, como prefeituras, por exemplo e um número significativo pertence a grupos políticos ou parlamentares.

3.4 RELAÇÃO DE VÍNCULO COM O LOCAL

Para estudar a relação de vínculo com o local, deve-se levar em consideração o jornalismo de proximidade. A prática do jornalismo de proximidade está diretamente vinculada com as mídias locais e, as relações de conexão com o local, proporcionam a existência de afinidades e especificidades sociais e culturais partilhadas.

Para Bourdin (2001, p. 28), o vínculo e a identidade social seriam fundamentados em três grandes dimensões: “1) a complementaridade e a troca; 2) o sentimento de pertença à humanidade e 3) o compartilhamento de uma mesma cotidianidade a partir do fato da vivência comum”. Nessa perspectiva de partilha de experiências, segundo o autor, a proximidade surge como produtora de vínculo social. Além disso, seria através desse processo que, de acordo com o autor, se desenvolveriam as ilusões e paixões de identidade local.

Conforme destaca Coutinho (2008), além dos encontros entre emissora e população local, que ocorrem em nos telejornais produzidos de acordo com o interesse público e a utilização de critérios de noticiabilidade, há outras estratégias utilizadas para a constituição da relação de proximidade entre TV e comunidade.

É o caso das campanhas de apoios da emissora, especialmente a eventos de caráter esportivo, e que são sempre noticia nos telejornais locais, em um discurso auto-referencial que não é prerrogativa das afiliadas, mas recurso comumente usado mesmo pelas redes nacionais de TV. (COUTINHO, 2008, p 99)

Entretanto, além dos aspetos positivos do jornalismo de proximidade na mídia local/regional, Coutinho ainda chama atenção para o caráter comercial dessa estratégia. Para a autora, a criação e manutenção desse vínculo de pertencimento e identidade entre as emissoras locais e regionais e seus públicos é fonte de lucro, também, para as redes.

A empresa sabe que é atrás dessa relação estreita com a comunidade que reside a audiência refletida em seus programas e, também, o anunciante. (BAZI apud COUTINHO, 2008, p. 98)

A TV regional, objeto escolhido para essa pesquisa, seria o melhor espaço para a prática do jornalismo de proximidade. Nessa forma de jornalismo, há maior interesse das pessoas em verem os assuntos sobre sua região e também um maior interesse mercadológico na propagação de temas locais e mensagens locais.

4. A JUIZ DE FORA MOSTRADA NA TELA DA TV INTEGRAÇÃO

Para estudar a representação das características simbólicas de Juiz de Fora no MGTV, tivemos como recorte empírico a gravação de uma semana da primeira edição do telejornal. A análise foi realizada a partir de cinco edições do MGTV primeira edição, entre os dias 21 e 25 de janeiro de 2013.

Buscamos analisar como o telejornal é construído, ou seja, qual é o tempo bruto e líquido do MGTV primeira edição, em quantos blocos ele é dividido, qual seria seu público, quantas notícias foram exibidas e de qual cidade elas eram. Também buscamos verificar se a produção de matérias é maior na cidade ou na região e se essas notícias são, na maioria, factuais. Além disso, verificamos quais são os formatos e editoriais mais presentes no telejornal e se há predominância. Fizemos esse levantamento e ilustramos com tabelas e gráficos. Com isso, pudemos perceber o peso de Juiz de Fora e das cidades da região no MGTV, além de constatar que o telejornal exibe matérias de outras regiões, como Belo Horizonte e Uberlândia.

Também buscamos verificar como o MGTV abordou as questões locais nessa semana de análise e se ele destacou as características simbólicas que a cidade carrega. Conferimos ainda qual foi o tempo dedicado a essas matérias, como foi o discurso acerca do tema e, para saber quem eram os entrevistados, dividimos as entrevistas ao vivo e os vídeoteipes (VT's) para ilustrar a quem o MGTV dá voz.

4.1 O MGTV E A REPRESENTAÇÃO DE JUIZ DE FORA

O MGTV é considerado por seus diretores como um telejornal local. Ele conta com duas edições diárias: o MGTV primeira e o MGTV segunda edição. Os telejornais são voltados para a população de Juiz de Fora e região. O MGTV primeira edição, foco do nosso trabalho, é exibido de segunda a sexta às 12 horas e sábado 12h20min. O programa conta com

um apresentador, que utiliza os recursos típicos do formato adotado: os apresentadores anunciam as matérias e chamam os VT's⁶, as entrevistas ao vivo, os *stands up*⁷. Ao todo, seis produtores, sete equipes de reportagem e seis editores trabalham para a geração do telejornal.

As cinco edições analisadas do MGTV primeira edição somaram um total de 04 horas 10 minutos e 09 segundos. A cada dia, o tempo médio de duração bruta do telejornal foi de 50' (cinquenta minutos). Já a duração líquida, ou seja, excluindo os intervalos comerciais, foi de, aproximadamente, 45' (quarenta e cinco minutos). O telejornal conta com quatro blocos, separados por *breaks*⁸ que variam a duração conforme o dia da semana.

Na segunda-feira (21), o telejornal durou 50'06'' (cinquenta minutos e seis segundos), e os três *breaks* somaram um total de 07'41'' (sete minutos e quarenta e um segundos). Na terça-feira (22), foram 51'24'' (cinquenta e um minutos e vinte e quatro segundos) de jornal e 05'36'' (cinco minutos e trinta e seis segundos) de intervalo. Na quarta-feira (23), o tempo total do telejornal foi de 51'38'' (cinquenta e um minutos e trinta e oito segundos), e 05'06'' (cinco minutos e seis segundos) de *break*. Na quinta-feira (24) o telejornal durou apenas 47'54'' (quarenta e sete minutos e cinquenta e quatro segundos), já o intervalo foi de 06'50'' (seis minutos e cinquenta segundos). Para finalizar, a sexta-feira (25) contou com 49'07'' (quarenta e nove minutos e sete segundos) de jornal e com 07'27'' (sete minutos e vinte e sete segundos) de intervalo.

Se considerarmos todas as vezes que Juiz de Fora, os municípios da Zona da Mata e Vertentes e as outras cidades de Minas aparecem no MGTV, sejam em VT's, entrevistas ao vivo e em estúdio, notas secas e cobertas, inserções do “Você no MGTV” e do “Tome Nota”,

⁶ Videotape, ou VT, é o equipamento eletrônico que grava o sinal de áudio e vídeo gerado por uma câmera

⁷ *Stand up* é quando o repórter faz uma gravação no local do acontecimento para transmitir informações do fato. É usado quando a notícia que o repórter tem que dar é tão importante que, mesmo sem imagem, vale a pena gerar um registro em vídeo, gravado ou inserido via link ao vivo.

⁸ Break: intervalo comercial entre blocos

previsão do tempo e imagens ao vivo que mostram o céu das cidades, temos 106 “notícias” ou inserções. O número de materiais apresentados por cidades na semana em análise está identificado no quadro abaixo (Tabela 2).

Cidades/procedência	Número de notícias
Juiz de Fora	68
São João Del-Rei	07
Barbacena	04
Leopoldina	03
Muriaé	04
Santos Dumont	03
Viçosa	02
Ubá	01
Antônio Carlos	01
Ibitipoca	01
Vieiras/Miradouro	01
Barão de Monte Alto/Patrocínio de Muriaé	01
Eugenópolis	01
Belo Horizonte	02
Uberlândia	01
Uberaba	01
Nacional	02
Mundial	01
Sem identificação	02

Vale destacar que, de todas as matérias analisadas, duas não tinham identificação, ou seja, não podemos saber em qual cidade elas foram produzidas, apenas que elas foram geradas em uma das praças da TV Integração. Outras duas tinham caráter nacional e uma delas tinha caráter mundial. Nessa análise excluímos os destaques (Globo Esporte, Jornal Hoje, MG Rural, MG e Megaminas) e a exibição de um VT que mostrava um projeto desenvolvido pela TV Integração.

Embora o MGTV primeira edição seja considerado um telejornal de caráter regional, algumas matérias exibidas abrangem mais do que sua área de cobertura. Como pudemos perceber na tabela acima, além das matérias de Juiz de Fora, sede da TV Integração, também são veiculadas matérias de cidades da região, como em Barbacena, Muriaé e São João Del-Rei, e as matérias feitas em outras regiões de Minas Gerais, como por exemplo,

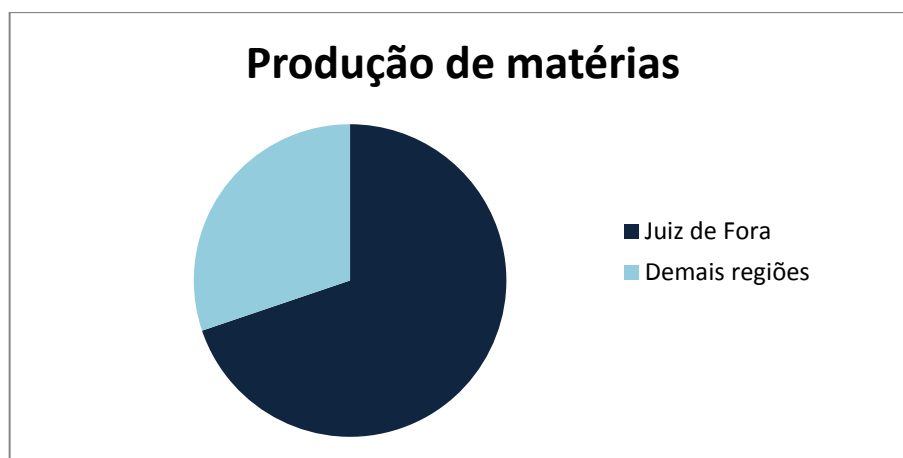
Uberlândia, área onde a Rede Integração também atua. Grande parte dessas matérias vindas de outras partes de Minas Gerais são utilizadas em quadros, a exemplo do VT do quadro “MG Educação”, que falava sobre o funcionamento de bibliotecas nas férias e foi gerado em Uberlândia.

Na semana de análise, ficou claro o uso de matérias produzidas pela rede, especialmente nos quadros do MGTV. Na quarta-feira, foram duas para o “MG Tec” e uma para o quadro “Veículos”, vinda de Uberaba. Na quinta, tivemos uma matéria de Belo Horizonte sobre o jogo entre Tupi e Cruzeiro e um VT sobre o aumento da criminalidade em Minas vindo de Belo Horizonte, mas que em nenhum momento cita a Zona da Mata e Vertentes. Nesse mesmo dia foi exibida uma matéria de Uberlândia para o quadro “MG Educação”. Uma possível explicação para o uso das matérias de Belo Horizonte e Uberlândia seria de que o MGTV pode exibir as matérias das outras sete afiliadas da Rede Globo em Minas Gerais: as geradoras de Araxá, Belo Horizonte, Coronel Fabriciano, Ituiutaba, Montes Claros, Uberlândia e Varginha.

Em nossa análise, inicialmente não consideramos os quadros “Você no MGTV” e “Tome Nota”, a previsão do tempo e imagens ao vivo que mostram o céu das cidades, os destaques e o VT que exibe o projeto da TV como matérias. Eles serão analisados separadamente. Assim, as cinco edições analisadas contaram com 63 notícias, incluindo VT’s, entrevistas ao vivo, entrevista em estúdio e notas secas e cobertas, o que gera uma média de 12,6 notícias por edição. Destas notícias, quatro foram anunciadas pelo repórter que estava na rua ao vivo, o que pode ser considerado um *stand up*.

De todas as 63 notícias veiculadas no período de análise, 44 eram de Juiz de Fora, enquanto as 19 restantes eram de outras localidades, como São João Del-Rei, que contou com cinco matérias, Barbacena, com três, e Muriaé e Leopoldina, com duas matérias cada. Os

números apresentados mostram que 69,8% de todas as notícias são voltadas para Juiz de Fora, conforme destaca o gráfico abaixo.



Se levarmos em consideração o formato das matérias de Juiz de Fora exibidas no período de análise, tivemos o uso de VT's, entrevistas ao vivo (em externa e uma realizada no estúdio na terça-feira, dia 22/01), *stands up* e notas (cobertas e secas).

Formato	Número de matérias
VT	18
Vivo	17
Nota	06
<i>Stands up</i>	03

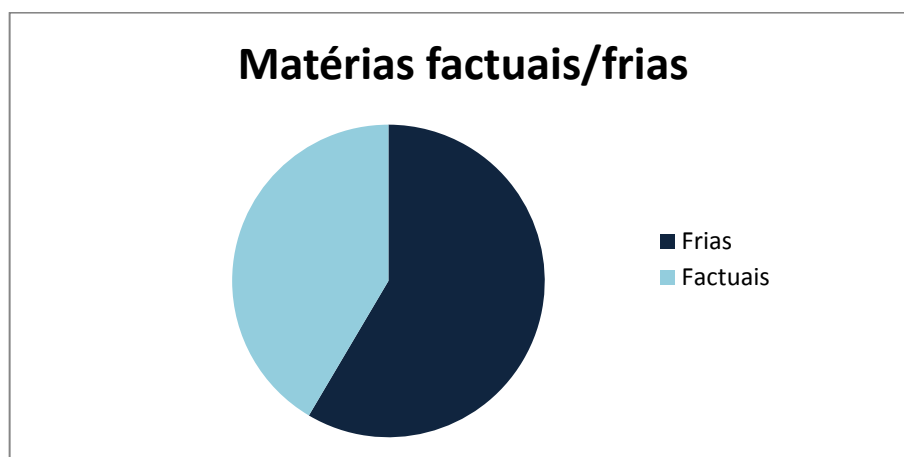
Em nossa análise, percebemos que, na maioria das vezes, o MGTV primeira edição tem uma linguagem mais informal. Uma possível explicação poderia ser o público-alvo do telejornal, que seria constituído por mulheres, donas de casa, aposentados, crianças e adolescentes. Por isso suas matérias são voltadas, principalmente, para serviços de utilidade pública. Na semana de análise, tivemos a presença de conteúdos que poderiam ser considerados pertinentes a variadas editorias (embora na produção em TV não exista essa distinção), conforme destaca a tabela abaixo⁹.

⁹ Na tabela não consideramos os três *stands up*, pois neles os repórteres apenas chamavam as matérias. Por este motivo, a soma dos números da tabela totalizam 41 notícias

Editoria	Número
Cidade/geral	11
Saúde	09
Esporte	07
Polícia	04
Economia	04
Educação	02
Tecnologia	02
Comportamento/moda	02

A factualidade é um fator importante no jornalismo, pois ela deixa o produto com mais valor informativo. A forma de jornalismo imprevisível carrega um valor notícia maior, pois quanto menos previsível, maior será o valor notícia. De acordo com Virgílio Gruppi, em sua monografia para a especialização em TV, Cinema e Mídias Digitais, “na programação de reportagens, devem constar os principais assuntos do dia, das mais variadas editorias. A vocação do telejornal é o factual, ou seja, as notícias que acontecem no dia. É o que chamamos no jargão jornalístico de *Hard News*, ou seja, notícias fortes.” (2009, p. 22).

O uso desse tipo material jornalístico, das chamadas matérias quentes, é comum na televisão, porém constatamos que a maioria das matérias de Juiz de Fora exibidas no MGTV primeira edição não são factuais, ou seja, elas são frias. Das 41 matérias produzidas em Juiz de Fora, apenas 17 são factuais, o que representa 41,5% do total. Também é importante ressaltar que a maioria das matérias “frias” são provenientes de quadros do MGTV, como o “MG Tec” e o “Profissão SA”.



Das matérias produzidas/geradas em Juiz de Fora, analisamos a quem o MGTV dá voz, ou seja, quem são os entrevistados. Para análise da função dos entrevistados, nos baseamos na classificação proposta por Iluska Coutinho (2007) e Jhonatan Mata (2011), que categorizam os personagens em: vítimas, vilões, especialistas, heróis, troféus, mediadores, beneficiados, mocinhos, fiscais e arautos.

As vítimas são aquelas pessoas que sofrem os resultados infelizes dos próprios atos, dos de outrem ou do acaso. Elas são classificadas em sete tipos: indignada, lesada, resignada, apreensiva, sofrimento latente, vítima genérica ou em off. Já os mocinhos apresentam boas atitudes, proporcionam uma lição de moral e representam um modelo a ser seguido. Eles não têm compromisso de servir como exemplo.

O papel do herói representa a condição humana e transcende essa mesma condição. Eles têm a obrigação de proporcionar uma lição de vida e de moral ao final das histórias. Por sua vez, os vilões, de acordo com Mata, “não aparecem” nas matérias.

Ao contrário das telenovelas atuais, em que os “televilões” ganham destaque, voz e mesmo a simpatia do público, nos telejornais locais eles figuram como entidades genéricas, a quem dificilmente é possível atribuir um “rosto”, mas facilmente se atribui um prejuízo de valor negativo. (MATA, 2011, p. 144)

Com base em um discurso, os especialistas ou experts tentam explicar o mundo para o público. Já os fiscais cobram providências das autoridades, enquanto os arautos tem uma postura elucidativa, de anunciar um fato. Também existe o papel do mediador, que “age” assistindo e conduzindo duas ou mais partes negociantes a identificarem os pontos de conflitos e, posteriormente, desenvolverem de forma mútua propostas que ponham fim ao mesmo”. (Mata, 2011, p. 156)

Há também uma categorização que se referem aos troféus, que tem um perfil contemplativo, geralmente representado em matérias leves, que mostram o mérito obtido por pessoas do bem e seus projetos de sucesso. Temos ainda os beneficiados que driblam as adversidades e aparecem em matérias negativas ou neutras, ou nas matérias de celebração,

onde as conquistas são mais explícitas e, por vezes, o eixo da narrativa. Além dessas categorizações, há também o papel do vilão regenerado e do herói fracassado.

Das 17 entrevistas ao vivo¹⁰, contamos, principalmente, entrevistados na função de especialista, conforme destaca a tabela.

Dia da semana	Entrevistados	Profissão/Cargo	Tempo	Função
Segunda	Marcelo Alves	Tenente da PM	2'	Especialista
Segunda	José Luiz de Souza	Atleta paraolímpico	1'34''	Troféu
Terça	Mariana Teixeira	Enfermeira da Secretaria de Saúde	1'16''	Especialista
Terça	Eduardo Guedes	Advogado trabalhista	1'30''	Especialista
Terça	Débora Vidal Gonzaga	Coordenadora de atendimento do Sebrae	1'46''	Especialista
Terça	Priscila Mattos	Maquiadora	1'51''	Especialista
Quarta	Juvenal Marques	Coordenador geral de campo	2'54''	Especialista
	Dona Cristina	Não creditada		Mocinho
Quarta	Guilherme Cortes Fernandes	Infectologista	1'59''	Especialista
Quarta	José Alves Ferreira Neto	Técnico em informática	1'08''	Especialista
Quarta	José Alves Ferreira Neto	Técnico em informática	1'50''	Especialista
Quinta	Camila Maciel	Endocrinologista	1'49''	Especialista
Quinta	José Laerte	Secretário de Saúde/JF	2'14''	Especialista
Quinta	Franklin Scoralick	Advogado	1'22''	Especialista
Quinta	Gerda Luciana Machado	Diretora da biblioteca municipal	2'09''	Especialista
Sexta	Leonardo Rocha	Dono de loja	1'37''	Especialista
Sexta	Ricardo Torga	Diretor do Sindicato dos Corretores de Seguro	1'49''	Especialista
Sexta	Jean Amaral	Comandante da PM	2'07''	Especialista

Analisamos também os VT's gerados em Juiz de Fora, que contaram com 55 entrevistados e dez "povo fala". Na tabela a seguir apresentamos os VT's analisados e sua

¹⁰ Foram 17 chamadas ao vivo, mas em uma das entrevistas, tinham dois entrevistados.

respectiva “estrutura”, isto é, sua divisão em elementos audiovisuais: off, passagem, sonora etc.

Segunda-feira

No primeiro dia, contamos com 21 personagens. Entre eles, oito especialistas, seis mocinhos, dois heróis, um beneficiado e quatro vítimas, que se dividiram em: duas apreensivas, uma genérica e uma indignada.

1.	VT Tupi (matéria de Felipe Menicucci e imagens de Evandro Carvalho) – 1’43’’ Off + sonora Wesley (atacante) + off + sonora Ademílson (atacante) + off + sonora Felipe Surian (técnico do Tupi) + passagem + off + sonora Raphael Toledo (meio-campo)
2.	VT Destruição patrimônios públicos (matéria de Cláudia Oliveira e imagens de Ramon William) – 1’51’’ Off + sonora Antônio Maurício da Silva (aposentado) + off + sonora Marcos Olender (arquiteto) + off + passagem + off + sonora André Zatorre Medeiros (diretor do Demlurb) + sonora Antônio
3.	VT Pesquisa UFJF (matéria de Felipe Menicucci e imagens de Ramon William) – 2’09’’ Off + sonora Matheus de Oliveira Neves (biólogo) + off + passagem + sonora Emanuel Masiero de Oliveira (biólogo) + off + sonora Rose Marie Hoffmann de Carvalho (pesquisadora)
4.	VT Dança em cadeira de rodas (matéria de Patrícia Aguiar e imagens de Evandro Carvalho) – 2’03’’ Off + sonora Viviane Pereira Macedo (atleta) + sonora Luciene Rodrigues Fernandes (atleta) + off + sonora Cabral (atleta) + passagem + off + sonora Eliana Lúcia Ferreira (coordenadora de acessibilidade da UFJF) + off + sonora Eliana
5.	VT Pism UFJF (matéria de Patrícia Aguiar e imagens de Evandro Carvalho) – 2’47’’ Off + sonora Letícia Cabral (estudante) + sonora Danilo Pereira (estudante) + off + sonora Lincon Caniato (militar do exército) + sonora Eliane Dózia (executiva) + passagem + off + sonora Adriele Cristina (estudante) + sonora Eduardo Gonzaga (estudante) + off + sonora José Maria Guerra (diretor da Copese)

Terça-feira

No segundo dia, foram 11 entrevistados, que se dividiram em: cinco especialistas, dois mocinhos, duas vítimas lesadas, um herói e um vilão. Também registramos duas inserções de povo fala, onde os entrevistados diziam se sabiam o que era o código de posturas municipais.

1. VT Código de posturas do município (matéria de Laila Hallack e imagens de Daniel Torres) – 3’35”
Passagem + povo fala (2 pessoas) + Off + sonora Cristiano Chaves de Oliveira (fiscal de posturas) + off com arte + sonora Cristiano + sobe som + sonora Cristiano + sobe som + sonora Cristiano
2. VT Vacinas (matéria de Patrícia Aguiar e imagens de Ramon William e Oswaldo Neiva) – 2’15”
Off + sonora Giovane Vidal de Faria (comerciário) + off + sonora Giovane + passagem + off + sonora Cristiano Rodrigo (médico) + off + sonora Antônio Biscotto (médico)
3. VT Pism UFJF (matéria de Inácio Novaes e imagens de Ramon William e Oswaldo Neiva) – 1’41”
Off + sonora Lawrence Gomes (professor) + off + sonora Lawrence + off + sonora Clara Pedrosa Pereira (estudante) + passagem + off + sonora José Maria Guerra (diretor da Copese)
4. VT Maquiadores (matéria de Patrícia Aguiar e imagens de Oswaldo Neiva) – 3’22”
Off + sonora Tatiane Franco Spada (aluna do curso) + off + sonora Giseli Carmo (professora) + off + passagem + off + sonora Joelma Reis (maquiadora) + off + sonora Anderson Mollon (maquiador) + sobe som

Quarta-feira

Na quarta-feira contamos com apenas um VT gerado em Juiz de Fora. Este contou com a sonora de duas pessoas e com duas participações no povo fala. A entrevistada mostrava-se no papel de “mocinho”, dizendo o que fazia para prevenir a dengue depois que seu filho foi afetado pela doença. Já o entrevistado estava no papel de um mediador, pois ele chamou a população para solucionar um problema e apresentou as formas para isso. O povo fala contou com o depoimento de duas mulheres (vítimas), expressando que o bairro onde elas moram tem que ter medidas preventivas.

1. VT Casos de dengue (matéria de Inácio Novaes e imagens de Evandro Carvalho) – 2’
Off + sonora Solimar Maria da Cruz (aposentada) + off + sonora Solimar + off + povo fala (2 pessoas) + off + passagem + off + sonora Gilson Lopes Soares (associação de moradores do Manoel Honório/Bairu)

Quinta-feira

Na quinta-feira contamos com nove entrevistados em cinco categorias diferentes. Dentre elas três vítimas, sendo duas lesadas e uma apreensiva, dois especialistas, dois mocinhos, um herói e um vilão.

1.	VT Dificuldade em conseguir medicamentos (matéria de Patrícia Aguiar e imagens de Oswaldo Neiva) – 2’38’’ Off + sonora Heloisa Ribeiro (operadora de caixa) + off + sonora Heloisa + off + sonora Geraldo Sales Neto (operacional) + off + passagem + off + sonora Edna Aparecida Rodrigues (ouvidora municipal de saúde) + off + sonora Edna
2.	VT Suspensão medicamento câncer (matéria de Claudia Oliveira e imagens de Ramon William) – 2’10’’ Off + sonora Margarete Lúcia da Rocha (mãe da Talita) + off + sonora Ângelo Atala (hematologista) + passagem + off + sonora Ângelo + sonora Margarete
3.	VT Vôlei JF (matéria de Patrícia Aguiar e imagens de Oswaldo Neiva) – 1’33’’ Off + sonora Japa (ponteiro) + off + sonora Juninho (ponteiro) + off + passagem + off + sonora Maurício Bara (técnico)
4.	VT Entrevista Giovane Gávio (Laila Hallack, imagens de Daniel Torres) – 3’39’’ Entrevista com Giovane Gávio (técnico Sesi/SP)

Sexta-feira

No último dia de análise, foram doze personagens divididos em: quatro especialistas, três vítimas genéricas, um fiscal, um arauto, um vilão, um troféu e um beneficiado. O dia de exibição do telejornal também contou com a participação de seis “populares” no povo fala.

1.	VT Curso de atualização para Polícias Civas (matéria de Claudia Oliveira e imagens de Ramon William) – 1’51’’ Off + povo fala (3 pessoas) + off + arte + off + sonora Cristiane de Andrade (delegada)
2.	VT Desrespeito as leis de trânsito (matéria de Patrícia Aguiar e imagens de Oswaldo Neiva) – 1’04’’ Off + sonora Rosa Gonçalves (professora) + off + sonora Geraldo Soares (mestre de obras)
3.	VT Exoneração de agentes da dengue (matéria Claudia Oliveira e imagens de Ramon William) – 2’33’’ Off + passagem + off + sonora Carlos Alberto Jordão (agente exonerado) + off + sonora Ana Maria Mezonato (agente exonerada) + off + sonora Fátima Cardoso (vice-presidente Sinserpu) + off + sonora Glênia Campos (subsecretaria de vigilância em saúde) + off + sonora Glênia
4.	VT Jogo de vôlei (matéria de Laila Hallack e imagens de Daniel Torres) – 3’56’’ Off + povo fala (3 pessoas) + off + sonora Lecy Gávio (mãe de Giovane) + off (arte com resultado dos sets) + passagem + off (arte do tie-break) + sonora Giovane Gávio (técnico Sesi) + sonora Maurício Bara (técnico de JF) + sonora Serginho (líbero Sesi) + off + sonora Japa (ponteiro JF)

Além das matérias até aqui descritas em sua estrutura, a programação do MGTV também conta com os destaques do Globo Esporte, que foram exibidos na segunda e na quinta-feira, do Jornal Hoje na segunda-feira e do MG Rural na sexta-feira. O total dessas inserções, que anunciam ou resumem outros programas da grade, foi de 02 minutos e 47 segundos. Ao final de todas as edições, também há um espaço destinado aos destaques de Minas Gerais e do portal Megaminas, utilizado pela TV Integração de Juiz de Fora. Os destaques do Estado totalizaram ao longo da semana analisada 02 minutos e 39 segundos. Já os destaques do Megaminas corresponderam a 01 minuto e 57 segundos, somadas todas as edições analisadas.

O espaço destinado ao “Tome Nota”, quadro em que são apresentadas informações variadas ao final de cada bloco, ocupou 08 minutos e 52 segundos, contabilizados os cinco dias de análise. A “Previsão do Tempo” ocupou 01 minuto e 51 segundos ao longo do período de recorte, enquanto as imagens ao vivo mostrando o céu de Juiz de Fora e de outras cidades da região consumiram ao 01 minuto e 48 segundos das cinco edições do telejornal.

O telejornal também conta com o quadro “Você no MGTV”, que busca estimular a interatividade com os telespectadores por meio da participação da população, onde as pessoas podem registrar fatos em fotos e vídeos e enviarem para a emissora. Essa interatividade que o MGTV propõe com o telespectador cumpre o papel mobilizador que Wolton prevê na comunicação local. De acordo com Coutinho, “em determinadas situações, a comunicação local, por influência do rádio ou da televisão, pode ter um papel de mobilização e favorecer uma identidade.” (WOLTON apud COUTINHO, 2006, p.9).

No período de análise, este quadro contou com a participação de 11 telespectadores, cujas contribuições foram veiculadas entre terça e sexta-feira. Entre esses dias de exibição do quadro a participação do público somou em termos de tempo 05 minutos e

10 segundos. Na quarta-feira (23), também foi exibida uma matéria sobre um projeto da TV Integração, que ocupou 59 segundos do telejornal.

4.2 A REPRESENTAÇÃO DAS DEMAIS LOCALIDADES

Para ser um telejornal com características regionais, o MGTV busca representar as cidades da Zona da Mata e Campo das Vertentes em seu produto jornalístico. Como vimos anteriormente (tabela 2), algumas cidades da região tiveram espaço no MGTV. Durante os cinco dias de análise, considerando os VT's, notas secas e cobertas, entrevistas ao vivo e *stand up*, foram 19 notícias¹¹, o que representa 30,2% de todas as matérias do jornal.

A cidade histórica de São João Del-Rei foi a que mais apareceu, totalizando cinco inserções entre notas e entrevistas ao vivo. Vale registrar que desde setembro de 2012 há nessa cidade um escritório da emissora. Na tabela abaixo, temos a relação das cidades que tiveram espaço no MGTV durante o período de análise e quantas vezes cada uma delas apareceu.

Cidade/procedência	Número de notícias
São João Del-Rei	05
Muriaé	02
Leopoldina	02
Barbacena	02
Santos Dumont	02
Ubá	01
Antônio Carlos	01
Ibitipoca	01
Tombos	01
Vieiras/Miradouro	01
Barão de Monte Alto/Patrocínio de Muriaé	01

¹¹ Esse número não contempla as aparições das cidades nos quadros “Você no MGTV” e “Tome Nota”, além da previsão do tempo e das imagens ao vivo que mostram as cidades.

O formato mais utilizado para incluir no programa as cidades da região foi o de notas (secas e cobertas), totalizando sete das 19 matérias. Além disso, foram seis entrevistas ao vivo, cinco VT's e um *stand up*. Em relação às editorias, a mais presente foi a de cidade.

Editoria	Número
Cidade/geral	08
Saúde	02
Esporte	01
Polícia	05
Educação	01
Rural	01
Entretenimento	01

Ao contrário das notícias de Juiz de Fora, as informações das cidades da região são, em sua maioria, factuais. Do total de 19 matérias apresentadas, apenas nove eram frias. Se levarmos em consideração todas as vezes que outros municípios da região tiveram espaço no MGTV, foram 29 inserções. Esse número ampliado incluiu: a participação de dois telespectadores, que enviaram fotos e vídeos de seus municípios; as chamadas no ‘Tome Nota’, duas em Viçosa e uma em São João Del-Rei, além das imagens ao vivo que eram mostradas de algumas cidades.

Além disso, outras cidades que não pertencem a Zona da Mata e Campo das Vertentes também tiveram espaço no jornal. Foram seis reportagens, exibidas na quarta e quinta-feira, sendo que duas eram de Belo Horizonte, uma de Uberlândia, uma de Uberaba, no Triângulo e as outras duas não tinham identificação. Destas, quatro eram frias e duas factuais.

Outra constatação foi que no quadro ‘Tome Nota’, duas informações tinham caráter nacional. Na quarta-feira, dia 23/01, durante 35 segundos, informou-se sobre as inscrições do Programa Universidade para Todos (Prouni). Já na quinta-feira, 37 segundos foram destinados a informações sobre o concurso da Polícia Civil, que começariam apenas no dia 18 de março. O MGTV também contou com uma informação de caráter mundial, que retratava um estudo de uma empresa americana sobre computadores. A informação foi

passada por meio de nota coberta com imagens feitas por um cinegrafista da TV Integração de Juiz de Fora. Nesse caso apenas as imagens foram produzidas na região, mas não havia entrevista ou outra forma de apuração de conteúdo local.

4.3 ANÁLISE DO CONTEÚDO PRODUZIDO PELO MGTV

A fim de evidenciar a representação de Juiz de Fora e do juizforano, além das características simbólicas retratadas no MGTV, apresentamos a análise de uma matéria em cada dia de veiculação que integra o recorte temporal da pesquisa. Todos os VT's selecionados tiveram captação de imagens, reportagem, produção e edição feita pelos profissionais de Juiz de Fora. Nessa etapa da investigação buscamos analisar os elementos que compõem uma matéria jornalística, como: texto, imagens, passagem do repórter, entrevistas, sonorização e arte. Nos casos em que, após a exibição da reportagem, havia entrevistas sobre o mesmo assunto, também fizemos a análise do material relacionado ao VT exibido inicialmente.

Nossas escolhas de matérias a serem analisadas com maior destaque se pautaram, na medida do possível, pela diversidade de editorias. Na segunda-feira, selecionamos uma matéria que retratava a descoberta de uma nova espécie de sapo por pesquisadores da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Na terça e quarta-feira, os assuntos foram voltados para saúde; no dia 22/01, o tema foi vacinação e no dia seguinte o tema eram os casos de dengue na cidade. Na quinta-feira analisamos uma matéria de esportes, na qual o time de vôlei de JF era o foco principal e, para finalizar, na sexta-feira o assunto da matéria selecionada foi trânsito; os repórteres registram na cidade alguns flagrantes de desrespeito as leis de trânsito e fizeram entrevistas com a população sobre o tema (a autoridade participou em entrevista ao vivo, veiculada em seguida).

4.3.1 Segunda-feira

O assunto retratado do primeiro dia foi educação. A matéria do repórter Felipe Menicucci e do cinegrafista Ramon Willian foi sobre a descoberta de uma nova espécie de sapo por pesquisadores da UFJF. A duração do material editado foi de 2'09" (dois minutos e nove segundos) e a estrutura da reportagem foi típica do telejornalismo: off/sonora/off/passagem/sonora/off/sonora.

Nas três entrevistas que integraram a matéria foram ouvidos dois biólogos e uma professora pesquisadora. O primeiro entrevistado, Matheus de Oliveira Neves, teve espaço de 22 segundos para falar sobre o trabalho desenvolvido desde o início até a metodologia usada agora. O segundo entrevistado, Emanuel Masiero de Oliveira, teve 13 segundos de fala e abordou a vantagem de ir a campo. Já a pesquisadora Rose Marie Hoffmann de Carvalho, que encerrou a matéria, teve editados 26 segundos de fala, quando explicou sobre a utilização da secreção do sapo na farmacologia, que seria uma área pouco explorada no Brasil.

Os offs da matéria duraram 22", 10" e 17", respectivamente. Todos foram explicativos, sem repetições e exibiram boas imagens, que casavam com o texto do repórter. A passagem foi gravada em uma região de Mata Atlântica localizada no Parque da Lajinha, com o repórter no canto esquerdo da tela e, ao fundo, pesquisadores movimentando a armadilha utilizada para capturar os sapos. As entrevistas também tiveram um bom recorte, ambiente de realização. As duas primeiras foram realizadas na Mata, com ângulos diferentes, e a última foi feita em um laboratório, com exibição de aparelhos em segundo plano, ao fundo da entrevistada.

Se levarmos em consideração que Juiz de Fora é uma cidade que possui uma Universidade Federal e abriga milhares de estudantes que, muitas vezes, vem de outras regiões para estudar aqui, podemos dizer que essa matéria estimularia a criação de um laço de pertencimento com a cidade e com os juiz-foranos. Ela também cumpre seu papel ao divulgar

para a sociedade o trabalho desenvolvido na cidade e que pode afetar o país. Uma vez que o pioneirismo e progresso marcam a identidade da cidade, como ressaltado no capítulo anterior, essa é uma forma de representar o progresso, o avanço da cidade em pesquisas.

Off 2: O anfíbio é do gênero *andrelofine*, termo em latim que significa sapo desconhecido. Ele só foi encontrado aqui, na área preservada de Mata Atlântica em um Parque Municipal de Juiz de Fora.

Off 3: A descoberta foi catalogada e publicada no último dia 30 de dezembro em uma revista científica alemã. A nova espécie de sapo ainda é alvo de estudos. Os especialistas querem saber agora a forma de reprodução e as toxinas que podem alavancar outras pesquisas no país. (Offs da reportagem exibida na segunda-feira, dia 21/01/2013)

Como podemos observar nos offs acima transcritos, a matéria coloca Juiz de Fora em destaque, de forma que ela pudesse ser utilizada por qualquer afiliada da TV Globo e até mesmo pela própria rede, uma vez que o assunto local tem relevância regional e nacional. As informações difundidas na reportagem ajudam a valorizar a região. Ao retratar a descoberta de pesquisadores da UFJF na mídia local, o interesse por parte das pessoas tende a aumentar. Com isso, haveria uma valorização do local.

4.3.2 **Terça-feira**

O VT escolhido para análise na terça-feira foi da editoria de saúde e contou com uma entrevista ao vivo. A matéria feita pela repórter Patrícia Aguiar com imagens de Ramon William e Oswaldo Neiva, teve duração de 2'15" (dois minutos e quinze segundos). Já a entrevista ao vivo de Juiz de Fora, com uma enfermeira da Secretaria de Saúde, feita pelo repórter Inácio Novaes somou o tempo de 1'16" (um minuto e dezesseis segundos).

O VT contou também com três sonoras, sendo que um dos personagens tem inserções de sua fala em dois momentos da edição. Nessas inserções, a soma do tempo de fala do comerciário Giovane Vidal de Faria foi de 11 segundos. Por sua vez, o médico Cristiano Rodrigo falou durante 28 segundos sobre as principais vacinas para adultos e idosos. Já o segundo médico entrevistado, Antônio Biscotto, abordou o número de doenças que podem ser

prevenidas com a vacinação e sobre a evolução das vacinas atualmente; o tempo destinado a essa entrevista foi de 21 segundos.

Os quatro offs duraram 10”, 8”, 11” e 24”. O primeiro inicia o assunto de forma geral, já o segundo entra no tema da matéria, que é vacinação na vida adulta. O terceiro off apresenta o gancho de uma sonora, anuncia que o médico irá explicar mais sobre a vacinação para adultos. Já o último off pode ser considerado repetitivo, pois trata de algumas vacinas que o médico entrevistado anteriormente já havia dito serem necessárias para as pessoas.

A passagem da repórter foi gravada no local onde foi realizada a primeira entrevista, em um ambiente que parece ser de um posto de saúde (a informação do crédito registra apenas que a repórter está em Juiz de Fora). A repórter, posicionada no meio da tela, fala durante 14 segundos sobre a importância da vacinação na fase adulta. Ao fundo da imagem no lado direito da repórter, há um cartaz com um bebê, já no lado esquerdo, tem algumas portas do local.

Após o término da matéria, o repórter Inácio Novaes realizou uma entrevista ao vivo com uma enfermeira da Secretaria de Saúde. As perguntas realizadas eram simples, como “Onde encontrar as vacinas?” e “Como funciona o calendário anual de vacinação?”. Pela linguagem adotada, há uma tentativa de interatividade, de aproximação com o telespectador. Um exemplo seria as duas últimas perguntas direcionadas a entrevistada, que foram: “E agora a pouco, antes de entrar no ar, você estava me contando que tem mães que acabam esquecendo ou deixando de lado. E isso é perigoso?” e “Mas não pode fazer isso, né?”.

Hoje, conforme ressalta Allan Gouvêa no artigo “Telejornalismo e saúde: a personificação como recurso de cobertura noticiosa do câncer no JN”, a abordagem acerca do tema saúde tem crescido no telejornalismo. Por ser uma temática que interessa tanto os homens quanto as mulheres, ela está cada vez mais presente nos noticiários. A matéria, de

caráter não factual, retrata um problema nacional (a falta de vacinação na população adulta e idosa) e busca personagens em Juiz de Fora para trazer o tema para o regional/local. Juiz de Fora é uma cidade que oferece vários serviços para os municípios vizinhos, entre eles, a saúde. Além da demanda de Juiz de Fora, os hospitais da cidade atendem a população da Zona da Mata e Vertentes, além de cidades do estado do Rio de Janeiro que, muitas vezes, pela proximidade, buscam atendimentos na cidade.

4.3.3 **Quarta-feira**

Na quarta-feira, havia apenas um VT gerado em Juiz de Fora. Este integrava o quadro “MG Móvel” e abordava os casos de dengue na cidade. O tempo total da matéria foi de 2’ (dois minutos). Ela foi apurada pelo repórter Inácio Novaes e contou com imagens do repórter cinematográfico Evandro Carvalho.

A matéria teve caráter factual, pois uma lista com os bairros que tem maior presença do mosquito em Juiz de Fora foi divulgada no dia anterior pela Secretaria de Saúde. O VT teve a seguinte estrutura: off/sonora/off/sonora/off/povo fala/off/passagem/off/sonora. Ela contou ainda com uma arte no estúdio, onde o televisor mostrava o número de focos encontrados nos bairros de Juiz de Fora, uma nota pé da Secretaria de Saúde, além de três entrevistas: duas realizadas em um mesmo momento, a outra realizada após comentário da apresentadora no estúdio.

No início da matéria, a aposentada Solimar Maria da Cruz, moradora do segundo bairro mais afetado pelo mosquito, deu seu depoimento durante 27 segundos, em duas aparições separadas por um off, dizendo que seu filho pegou dengue e que desde então ela mudou alguns hábitos. O povo fala durou 9 segundos e contou com a declaração de duas mulheres. Já a última sonora, realizada com Gilson Lopes Soares, da associação de moradores

do Manoel Honório/Bairu, teve 18 segundos. Ele deu dicas para que os moradores cuidem mais das casas.

Os dois primeiros offs apresentam o caso da personagem da matéria, enquanto o terceiro fala de forma geral para o bairro retratado na matéria. O quarto off direciona o assunto para outro bairro que foi o primeiro da lista, e o último introduz que o combate precisa começar em casa. A passagem foi feita na rua, com o repórter enquadrado no centro, e durou 17 segundos. As imagens eram mais gerais, mostravam as ruas dos bairros afetados e, nos dois primeiros offs, o rosto da primeira entrevistada.

A arte mostrada no televisor do estúdio teve duração de 18'' (dezoito segundos). Nela, aparecia a lista com os dez bairros com maior número de focos na cidade. Em seguida, a apresentadora leu uma nota da Secretaria de Saúde falando dos casos já registrados na cidade. As entrevistas realizadas após a exibição do VT não traziam nada de novo, apenas informações sobre como prevenir a dengue, os cuidados que se deve ter em casa e sintomas da doença. Foram duas vezes que a apresentadora chamou a repórter que estava ao vivo. Na primeira, que levou 2'54'' (dois minutos e cinquenta e quatro segundos), foram realizadas duas entrevistas: uma com o coordenador geral de campo, Juvenal Marques, e a segunda entrevista não foi creditada. As entrevistas foram realizadas na casa da senhora entrevistada, onde ela explicou o que faz para prevenir o mosquito transmissor da dengue. Na segunda vez em que a repórter foi chamada, ela estava com o infectologista Guilherme Cortes Fernandes, que deu dicas de como se prevenir, quais os sintomas e dicas para as pessoas que já contraíram a doença. A entrevista durou 1'59'' (um minuto e cinquenta e nove segundos).

Assim como na terça-feira, o assunto de quarta foi saúde. A temática de saúde tem sido um assunto frequente no telejornalismo, em termos gerais, por tratar-se de assunto capaz de atrair interesse de homens e mulheres; de 41 matérias que retratavam Juiz de Fora, nove eram da editoria saúde. Nesse caso, temos um gancho factual (lista divulgada pela Secretaria

de Saúde) e um assunto com repercussão nacional. A dengue tem sido um problema de toda a população, e Juiz de Fora insere-se nessa problemática.

Apesar de não retratar as características simbólicas que a cidade carrega, esta é uma matéria de grande interesse social, pois retrata um problema enfrentado por diversas cidades do país. A escolha por esta matéria, como dito anteriormente, justifica-se pelo fato desse ser o único VT que tinha produção, captação de imagens, apuração e edição realizadas em Juiz de Fora.

4.3.4 **Quinta-feira**

O assunto de quinta foi a preparação do time de Juiz de Fora para o jogo de vôlei da Superliga masculina contra o Sesi, de São Paulo. A análise foi feita com base na matéria da repórter Patrícia Aguiar, com imagens do cinegrafista Oswaldo Neiva, que ocupou 1'33'' (um minuto e trinta e três segundos) do telejornal. O material contou com três sonoras, sendo duas com jogadores e uma com o técnico.

As sonoras foram realizadas na quadra e somaram tempo de 34 segundos. Os jogadores falaram sobre a expectativa para o jogo, já o técnico ressaltou o reencontro com a torcida de Juiz de Fora. O VT contou com quatro offs, que juntos totalizaram 38 segundos. O primeiro introduz o assunto do jogo que, de acordo com a repórter, será difícil. O segundo destaca que os jogadores entrevistados já integraram a equipe adversária; o terceiro off trata da posição do time de Juiz de Fora no campeonato e o último aborda a importância da presença da torcida. Todas as imagens foram feitas na quadra, exceto a do primeiro off, que conta com imagens dos jogadores Murilo e Cidão na academia.

A passagem da repórter durou 14 segundos e foi feita na arquibancada da quadra, com o time da cidade jogando ao fundo. O texto informou qual é a colocação necessária para

que os times se classifiquem no campeonato e como está a diferença de pontos deles. Além disso, ele destacou que o time da cidade precisa pontuar.

Como salientamos no capítulo anterior, a tradição cultural de Juiz de Fora está presente também no esporte. A cidade é representada no Campeonato Mineiro pelo Tupi e, atualmente, está representada na Superliga Masculina de Vôlei pelo time da UFJF. A Superliga é um evento que dá visibilidade para o time da cidade, pois equipes como o Sesi de São Paulo fazem parte do campeonato.

A matéria tem caráter predominantemente local. Ela enfatiza a participação do time de Juiz de Fora no jogo. Ela não poderia ser exibida para a cidade de São Paulo, por exemplo, pois o direcionamento dela é a preparação do time daqui. Uma matéria de caráter local, que salienta a vocação da cidade também para os esportes.

4.3.5 **Sexta-feira**

Para finalizar, tivemos como recorte empírico o VT sobre desrespeito as leis de trânsito em Juiz de Fora. A matéria de Patrícia Aguiar e Oswaldo Neiva mostrou flagrantes nas ruas do Centro. Além do VT de 1'04'' (um minuto e quatro segundos), a repórter Cláudia Oliveira entrevistou ao vivo nas ruas da cidade o comandante da Polícia Militar; a entrevista durou 2'07'' (dois minutos e sete segundos).

O VT constituiu-se em uma matéria curta, que não teve passagem e contou com dois offs e dois entrevistados. As entrevistas foram realizadas com pessoas “comuns”, que davam sua opinião sobre o assunto, próximas do tradicional "povo fala", utilizado para repercutir um assunto. A professora Rosa Gonçalves fala sobre o problema na frente da escola, porém não há imagens que mostram o que ela disse. Já o segundo entrevistado, o mestre de obras Geraldo Soares, dá uma opinião muito vaga, que dura apenas sete segundos e que poderia ser encaixado em um povo fala.

Os offs mostram flagrantes de veículos estacionados em locais proibidos, fazendo com a matéria de “Flagrantes de desrespeito às leis de trânsito” se transforme em uma matéria de “Veículos estacionados em locais proibidos”; essas são as únicas imagens captadas/exibidas. No primeiro off, um telespectador que não se identificou enviou fotos de carros parados em cima da calçada, dificultando a passagem de pedestres. Essas fotos poderiam ser exibidas no quadro “Você no MGTV”, que tem como foco a participação do telespectador. O segundo off mostra mais irregularidades de veículos parados ou estacionados em locais inapropriados.

A entrevista ao vivo contou com a presença de um Policial Militar que esclareceu dúvidas acerca da fiscalização feita. Ele falou que o estacionamento na frente de garagens é comum na cidade e que a terceira infração mais constatada é o estacionamento irregular, principalmente no período escolar, pois traz transtornos para cidade pelo volume de veículos nas ruas. Destacou também que a ajuda da comunidade é importante para inibir essa prática.

Essa é uma matéria de caráter local, pois mostra os flagrantes daqui, embora tenha temática de interesse regional e nacional, pois o desrespeito às leis de trânsito está presente em diferentes cidades, de diversos estados. Ao levarmos em consideração o tensionamento entre conservadorismo e o progresso que marcam a identidade de Juiz de Fora, percebemos nessa matéria o progresso típico de grandes centros, como Rio de Janeiro e São Paulo que, frequentemente enfrentam problemas de trânsito, associado a atitudes "conservadoras" no trânsito, hábitos de moradores de cidades pequenas. Ao mostrar os problemas enfrentados pelos juizforanos no dia a dia, essa matéria também representa de certa forma as características míticas da cidade.

5. OS PROFISSIONAIS EM CENA: A PESQUISA DE CAMPO NA TV INTEGRAÇÃO

Com base nos levantamentos descritos no capítulo anterior, buscamos nessa etapa final do trabalho, por meio da pesquisa de campo, relacionar os dados obtidos com as percepções editoriais que emergem das entrevistas realizadas com o Gerente de Jornalismo da TV Integração Juiz de Fora, Marcelo Vicioli, e com o editor-chefe do MGTV primeira edição, Paulo Ribeiro.

As entrevistas foram realizadas em janeiro deste ano, e seu áudio foi gravado e posteriormente transcrito. O primeiro entrevistado, Marcelo Vicioli, é formado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) e pós-graduado pela Fundação Getúlio Vargas. Natural do interior de São Paulo, já passou por afiliadas do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Começou a atuar na TV Integração Juiz de Fora a convite da TV Globo e está à frente do cargo há mais de dois anos. Segundo ele, não conhecia Juiz de Fora pessoalmente antes de chegar até aqui, apenas por internet.

Já o segundo entrevistado, Paulo Ribeiro, é formado pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e natural de Bias Fortes, uma cidade próxima. Atuou em emissoras de rádio da cidade antes de integrar o grupo da TV Integração em 2010 (então TV Panorama); há cinco meses ocupa o cargo de editor-chefe do MGTV primeira edição.

5.1 ANÁLISE PRELIMINAR DE DADOS

De 106 notícias exibidas no período de análise, contabilizamos 68 matérias locais, 28 regionais, seis estaduais, duas nacionais e uma com caráter mundial. Os dados podem se aproximar da percepção editorial do Gerente de Jornalismo da TV; ao ser questionado se o MGTV é um programa de Juiz de Fora, com caráter regional, voltado para Zona da Mata e

Vertentes, afirmou que o MGTV é totalmente local e atende os municípios que envolvem sua área de cobertura.

Ele é todo produzido localmente. O objetivo de você ter essas emissoras espalhadas pelo Brasil, como a TV Globo tem, é exatamente para dar conteúdo local, você divulgar o que está acontecendo na sua região. Quando você fala Juiz de Fora, nós estamos em Juiz de Fora, mas estamos atendendo um raio de 121 municípios. A emissora que está em Juiz de Fora não pode divulgar só Juiz de Fora. Na verdade ela tem toda essa área de cobertura na sua concessão. Então nós temos que divulgar as informações mais importantes dessas 121 cidades. (VICIOLI, 2013).

Já o editor-chefe ressalta a característica regional que o MGTV possui e destaca que, por Juiz de Fora ser a sede da emissora, a cobertura para a cidade tem um espaço maior.

[...] eu percebo que tem sim uma característica regional, de abordar as cidades, principalmente Zona da Mata e Vertentes. E não é atoa que todo dia a gente tenha duas ou três equipes viajando, fora o escritório que foi aberto em São João Del-Rei, então é uma cobertura regional sim.

[...] Aqui por ser sede da TV, a gente tem uma cobertura naturalmente maior por ser a cidade, até da minha história que ainda traz muita gente, que ainda tem essa importância e claro, pela Zona da Mata e Vertentes flutuar tanto aqui. (RIBEIRO, 2013)

Levando em consideração apenas as matérias de Juiz de Fora e da Zona da Mata e Vertentes, contamos com 63 notícias, sendo que destas, 69,8% eram locais e as outras 30,2% eram regionais. Nas entrevistas, arguimos se havia uma distribuição de tempo para a produção de Juiz de Fora e de outras cidades da região. A resposta foi que, em média, 60% da produção é direcionada a Juiz de Fora.

Se você fizer uma análise mais criteriosa, você vai ver que Juiz de Fora toma pelo menos 60% dos nossos noticiários, porque Juiz de Fora tem mais importância, mais relevância se comparado às cidades menores da nossa área de cobertura. (VICIOLI, 2013)

Por Juiz de Fora ser uma cidade que agrega, ser a cidade mais importante da nossa região, a cobertura daqui é maior, cerca de 60%. A gente tenta sempre ser local e regional. (RIBEIRO, 2013)

O formato mais utilizado pelo MGTV primeira edição foram os videoteipes (VT's) e as entrevistas ao vivo. As relações de diálogos entre apresentadora e repórteres nas ruas são frequentes e ocupam tempo significativo do programa. Das 44 matérias de Juiz de Fora, 18 foram VT's e 17 vivos. Ao questionarmos sobre esse aumento na inserção de vivo, tivemos a resposta de que essa é uma forma de acrescentar conteúdo ao assunto.

A gente não conversa com o material editado. Nós passamos alguma reportagem e depois o ao vivo conversa. É uma forma de você acrescentar o assunto. E se você colocar só o apresentador chamando reportagem fica chato. Vai ser um jornal da década de 70, final da década de 60. Assim como as pessoas mudaram, os nossos telespectadores também mudaram e passaram a exigir um grau de informalidade maior. É por isso que fazemos isso. Você conversar no telejornal, passar informação conversando, você tem informalidade na sua conversa. (VICIOLI, 2013)

Segundo Ribeiro, o vivo é uma tendência cada vez mais presente no telejornalismo de afiliadas e da própria rede Globo.

O jornalismo, cada vez mais, é ao vivo. Se você ver Rio e São Paulo, uma grande quantidade de produtos são ao vivo. Então, cada vez mais, tem que ser assim. É a linha mesmo. E a forma de cobertura é o ao vivo, são as entrevistas, dentro das possibilidades é a informação ao vivo. Se você pegar o JH, se você pegar os praças, eles tem uma quantidade de produtos ao vivo muito grande. Então é uma forma cada vez mais presente no jornalismo, que particularmente eu gosto. Apesar de ser muito emocionante, do vivo cair, do entrevistado não chegar, mas para o público e você como receptor, quando você vê um produto com o selinho do ao vivo, dá uma outra percepção, em tempo de twitter, de facebook, de redes sociais, até mesmo da própria rádio, que sempre foi um produto jornalístico sempre ao vivo, mas eu acho que é característica do jornalismo de hoje em dia, que também esta se buscando fazer. Eu acho que não estamos inventando uma roda, que a gente não está fazendo nada diferente. A gente está buscando caminhos para dentro da nossa realidade, dentro da nossa percepção do que vemos na nossa área de cobertura e das matérias que a gente traz e das nossas possibilidades técnicas, ter esse espaço ao vivo. (RIBEIRO, 2013)

Com relação à temática, as editorias mais presentes foram cidade/geral e saúde.

Segundo Vicioli, “a prioridade é dar a informação mais importante para as pessoas que estão assistindo.” Já Ribeiro ressalta que a intenção é “cobrir o máximo de informações possíveis.” Tomando como foco a questão da escolha de pautas, o gerente de jornalismo defende que o que vale é o grau de importância para a comunidade onde a emissora atua. Já o editor-chefe destaca a “preferência” do telejornal por serviços.

Percebemos pela análise das edições que o MGTV primeira edição busca uma informalidade maior por seu público abranger mulheres, aposentados, crianças e adolescentes que se preparavam para ir para a escola ou que acabavam de chegar. Mas segundo Vicioli, não há como saber com precisão quem seria esse público por ser uma rede aberta.

Basicamente são mulheres que estão em casa nesse horário. Mas ai estou falando em relação a Juiz de Fora. Se você pegar uma cidade menor, as pessoas tem hábito de almoçar em casa, então esse público já muda. Então, como é uma rede aberta, não tem como você determinar qual é o seu público-alvo. Por isso que a gente tem essa diversidade grande de assunto no telejornal, porque na verdade a gente está atingindo várias pessoas, é uma rede aberta. Então quem é que está do outro lado? São pessoas de várias classes sociais, são pessoas de várias faixas etárias. Não dá

para determinar justamente por ser uma rede aberta, um canal aberto. (VICIOLI, 2013)

A busca pela factualidade é um fator primordial no jornalismo. Porém, apesar do editor-chefe ter ressaltado a busca constante pelo factual, na semana de análise percebemos que 41,5% das matérias são factuais, enquanto as outras 58,5% eram frias.

A gente busca, através de pesquisas, de percepção, entender que público é o nosso, para onde a gente vai falar. Então, o primeiro sem dúvida é o factual. O factual norteia a gente, nós damos um jeito para ele entrar. Depois a gente tenta trabalhar com coisas que sejam interessantes para nossos públicos através de pesquisas, através de informação. (RIBEIRO, 2013)

Outra constatação feita em nossa análise foi em relação a grande quantidade de quadros utilizados pelo MGTV primeira edição. Segundo Vicioli, muitos destes quadros surgiram depois que a TV Integração assumiu.

Trabalhamos com um conceito de rede, respeitando o regionalismo de cada geradora de onde estamos inseridos. Mas de uma forma ou de outra, você tem que trabalhar em rede. A gente tem um propósito essencial e dentro desse propósito a gente quer desenvolver essas regiões onde estamos inseridos. Então existe um conceito de rede, que é trabalhado por toda a rede. Esses quadros fazem parte desse conceito. E o que você quer com o quadro? Você quer estar próximo do telespectador, falar uma linguagem que a atrai. Então a gente faz isso em outras praças e em Juiz de Fora. É uma forma de unificação, preservando o regionalismo de cada região. (VICIOLI, 2013)

Muitas vezes, nesses quadros foram apresentadas matérias não geradas na cidade e que não eram factuais. Perguntamos aos responsáveis editoriais pelo programa, por exemplo, porque as matérias veiculadas no “MG Tec” vieram de outra geradora, da Rede Integração.

Fazemos isso porque a gente pode usar o nosso pessoal para estar, de repente, focado em outro tipo de reportagem. Você consegue agregar possibilidades ao jornalismo podendo usar a reportagem de outra praça. Por que não ser de fora se a limpeza de computador é igual em todo lugar? Então eu consigo concentrar o nosso time, de repente, fazendo uma produção que seja maior [...] Quer dizer, nessas reportagens que vem de fora, nós não estamos especificando alguma coisa que é da cultura de lá e estamos tentando introduzir aqui. Não tem nada haver. Se você perceber, a limpeza de computador pode ser feita aqui, pode ser feita em Divinópolis, Uberlândia. Ela é a mesma. Então isso nos dá folego na produção diária para, por exemplo, concentrar a nossa força do time em uma outra produção um pouco mais bem elaborada e desenvolvida. (VICIOLI, 2013)

Já para Paulo Ribeiro, a possibilidade de trazer uma entrevista ao vivo pode aproximar essas matérias da “nossa” realidade, ainda que o material em vídeo exibido seja de outra localidade.

São assuntos e temas que, justamente pelo vivo, dá pra gente trazer para o local a partir do vivo. Então a gente tem VT's. O fato da novidade de um smartphone, por exemplo, é independente de ser aqui ou lá, já outras que são locais. Além disso, a gente tem a possibilidade de trazer um vivo local, de trazer um especialista para falar sobre o assunto, a realidade aqui. Então fazemos o rodizio de alguns quadros, mas geralmente são temas que cabem aqui e cabem em outro lugar. É lógico que tem pontos específicos, como falar de educação, buscar falar como é em Juiz de Fora. Agora também temos um rodizio, uma escala que a gente faz. A gente busca fazer um vivo falando da realidade em Juiz de Fora. Eu acho que tudo é para somar. (RIBEIRO, 2013)

5.2 ANÁLISE DE DADOS RELATIVOS À REPRESENTAÇÃO DE JUIZ DE FORA

Ao levarmos em conta todas as características simbólicas que Juiz de Fora carrega e a representação de tais atributos no MGTV primeira edição, com base no recorte de cinco matérias produzidas/geradas em Juiz de Fora selecionadas para a análise mais detalhada, apresentada no capítulo anterior, podemos dizer que, no dia a dia a cidade está sendo representada.

Na segunda-feira, dia 21/01, a cidade é representada pela educação. A matéria representa o avanço da cidade no ensino e na pesquisa. Na terça-feira, dia 22/01, percebemos a vocação da cidade para prestação de serviços na saúde. Apesar de não citar diretamente essa vocação, a matéria mostra que é importante a prevenção de doenças. Na quarta-feira, dia 23/01, o gancho é a lista divulgada pela Secretaria de Saúde com os números da dengue na cidade. Longe de mostrar uma Juiz de Fora com pontos positivos, ela mostra os problemas que a cidade enfrenta na saúde. Na quinta-feira, dia 24/01, a vocação da cidade para os esportes é ressaltada com o time de vôlei da UFJF, que participa da Superliga Masculina. Já na última matéria da análise, mais uma vez é mostrado os problemas que a cidade enfrenta, só que dessa vez no trânsito.

Ao perguntarmos como era a representação das características simbólicas de Juiz de Fora no MGTV primeira edição, o gerente de jornalismo da TV integração questionou-nos se essas características não seriam apenas uma lenda.

Você acredita que isso acontece? O que a gente quer é, de alguma forma, desenvolver a região, não só Juiz de Fora, mas tentar desenvolver a região onde a agente atua. É importante para a empresa que está nessa região ter a região desenvolvida. Então eu acho que a TV trabalha, não só o jornalismo, mas a TV trabalha para contribuir com esse desenvolvimento. Não tentando valorizar coisas do passado, mas eu acho que a gente trabalha muito com a realidade, e de forma positiva, tentando valorizar e ajudar de alguma forma a região onde a gente está inserido. (VICIOLI, 2013)

Em relação à representação da cidade e dos juizforanos no telejornal, o editor-chefe ressaltou que a busca por essa “representação” estaria presente em momentos especiais, como o aniversário da cidade.

É claro que em momentos especiais a gente tenta trazer de uma forma diferente. No ano passado, no aniversário de Juiz de Fora, a gente colocou pessoas cantando o hino de Juiz de Fora em hip hop. Por que não? [...] A gente tenta trazer o dia a dia para as pessoas e talvez mostrar caminhos, sugerir caminhos, trazer discussões e tentamos criar uma linguagem que as pessoas entendam e gostem. (RIBEIRO, 2013)

Com base nas citações, percebemos que não há uma preocupação em mostrar as características míticas da cidade, exceto em datas especiais. A “exibição” de tais aspectos é, de certa forma, inconsciente. Segundo o discurso dos profissionais da TV Integração, a preocupação está em transmitir os fatos, veicular as notícias, independente se ela representa a cidade. Isso pode se relacionar a nova configuração da emissora, antes local e agora afiliada de uma rede regional, e a própria ligação de sua direção com a cidade.

6. CONCLUSÃO

A proposta deste trabalho foi realizar uma análise da representação das características simbólicas de Juiz de Fora no MGTV primeira edição, telejornal veiculado pela TV Integração, afiliada da Rede Globo. A identidade e a narrativa da cidade sobre si revela características vanguardistas e é marcada pelo pioneirismo. Para responder as questões de pesquisa, realizamos uma análise empírica do telejornal, tomando como recorte temporal as edições veiculadas entre os dias 21 e 25 de janeiro.

Duas questões orientaram a investigação: “Até onde a TV Integração, por meio do MGTV primeira edição, trabalha as características de Juiz de Fora?” e “Na medida em que o telejornal busca representar o regional, ele deixa de representar o local?”. Uma das nossas hipóteses iniciais era a de que a TV Integração não representava o município de Juiz de Fora em sua totalidade e que, além disso, deixava de representar as características míticas da cidade.

Nossas primeiras considerações englobam questões referentes ao telejornal, como o número de notícias de Juiz de Fora e dos demais municípios e a factualidade dessas informações. A proximidade é um dos critérios de noticiabilidade mais importantes para o telejornalismo regional/local. Na semana analisada, foram 69,8% de matérias de Juiz de Fora e 30,2% da Zona da Mata e Vertentes. Esse fator caracteriza o MGTV como um jornal regional/local.

Outra característica importante para o telejornalismo é a factualidade. No entanto, a maioria das notícias que retratavam Juiz de Fora eram frias, correspondendo a 58,5% de todo o noticiário. Uma das hipóteses pode ser a falta de equipes para cobertura do que é factual, até porque, percebemos que as notícias “quentes”, na maioria das vezes, eram informadas por meio de notas secas e cobertas. Há também a presença de notícias com caráter

“mundial” que são tratadas com enfoque local, a exemplo de matéria sobre a suspensão do medicamento contra o câncer infantil exibida na quinta-feira (24/01).

Outra percepção ao longo dessa pesquisa foi quanto a grande inserção de material ao vivo. Das notícias relacionadas a Juiz de Fora, o MGTV contou com 18 VT's e 17 vivos, já em relação às notícias dos municípios da Zona da Mata e Vertentes, o telejornal contou com cinco VT's e seis vivos. Nessas entrevistas ao vivo também há um número grande de “especialistas”, que tentam explicar o assunto retratado nos VT's para o público. Registramos um caso na sexta-feira (25/01) em que, na matéria sobre o desrespeito as leis de trânsito, temos inserções de sonoras de personagens que dão sua opinião sobre o assunto retratado. A fala de um “especialista” vem depois, na entrevista ao vivo, oferecendo legitimidade e aprofundamento aos discursos do cidadão comum/ personagem.

Há um aumento crescente das entrevistas ao vivo no MGTV, que ocupam um longo espaço de tempo na duração do telejornal. Também constatamos a repetição de assuntos em matérias e entrevistas. Algumas vezes, a fala do especialista não traz nada de novo para o público, o que deixa a entrevista desinteressante para o telespectador. Essa tendência de inserção de vivos no telejornal aproxima a TV do rádio, onde é comum o uso de material ao vivo. Por outro lado, em termos de mensagem visual, há uma limitação nesse tipo de recurso.

Também foi constatada uma tentativa de aproximação do MGTV com o público. Essa característica é percebida pela linguagem informal, utilizada por apresentadora e repórteres, e ainda no quadro “Você no MGTV”, que busca a interatividade, a participação do telespectador no jornal. Essa seria a tentativa de seguir o modelo de uma TV local, que permitiria uma identificação do veículo com a comunidade ou grupo no qual ela está inserida.

Esse tipo de estratégia é característica das emissoras afiliadas, que procuram estabelecer laços de pertencimento com o público da região em que estão inseridas, especialmente por meio da proximidade entre a notícia veiculada e o telespectador. A partir

do número de matérias da semana analisada, concluímos que Juiz de Fora tem mais espaço no telejornal do que as outras cidades do entorno. Porém, há uma tentativa de interlocução entre os assuntos da cidade e dos municípios da região, o que permitia caracterizar o MGTV primeira edição, de acordo com a bibliografia utilizada na pesquisa, como um telejornal regional e não apenas local.

Vale ressaltar também que, com a globalização, as pessoas passaram a ter mais interesse nas temáticas locais. E com os juizforanos não foi diferente. Há um interesse em ver a Juiz de Fora na tela, em se identificar com os personagens juizforanos. Mas somente mostrar matérias de Juiz de Fora no MGTV não cria uma relação de pertencimento com a cidade e com a população.

Há um grande número de matérias que retratam Juiz de Fora, mas no dia a dia, o MGTV não tem “preocupação” em exibir as características simbólicas de Juiz de Fora. Ao ponderarmos todos os dados de análise do telejornal, as entrevistas realizadas com funcionários da TV e o discurso acerca das matérias, percebemos que não há uma predominância de matérias que enfatizam a cidade. A prioridade do telejornal é dar a informação, ainda que sem levar em consideração o simbolismo da cidade na sua estruturação editorial.

7. REFERÊNCIAS

ALVIN, Bianca. **Os limites do jornalismo esportivo na mídia local**. Juiz de Fora: UFJF, 2006. Trabalho de conclusão de curso (Comunicação).

BARA, Gilze. **Telejornalismo e (re)construção de identidades: a oportunidade do aniversário da cidade**. UFJF. In: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009.

BAZI, Rogério Eduardo Rodrigues. **TV Regional: trajetórias e perspectivas**. Campinas, São Paulo: Alínea, 2001.

BONNER, Willian. **Jornal Nacional: modo de fazer**. São Paulo: Globo, 2009.

BRINATI, Francisco Ângelo. LEAL, Paulo Roberto Figueira. **Identidade local e imaginário urbano no telejornalismo: Os 159 anos de Juiz de Fora no MGTV**. UFJF. In: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009.

BOURDIN, Alain. **A questão local**. Tradução de Orlando dos Santos Reis. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

CABRAL, Eula Dantas Taveira. **A regionalização da mídia brasileira**. UNIrevista - Vol. 1, nº 3: (julho 2006). Disponível em:

http://www.unirevista.unisinos.br/pdf/UNIrev_Taveira.PDF. Acesso em: 27 de junho de 2012

COUTINHO, Iluska. PORCELLO, Flávio. VIZEU, Alfredo (orgs.). **60 anos de telejornalismo no Brasil: história, análise e crítica**. Florianópolis: Insular, 2010

_____. **Telejornalismo e identidade em emissoras locais: a construção de contratos de pertencimento**. In: VIZEU, Alfredo (org). A sociedade do telejornalismo. Petrópolis: Vozes, 2008

_____. **Dramaturgia do telejornalismo: a narrativa da informação em rede e nas emissoras de televisão de Juiz de Fora-MG**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

FERNANDES, Livia. **TV Mariano Procópio e identidade juiz-forana: a construção do mito do pioneirismo nas paginas do Diário mercantil e Diário da tarde**. Juiz de Fora: UFJF, 2010. Dissertação de mestrado (Comunicação).

GOUVÊA, Allan. **Telejornalismo e saúde: a personificação como recurso de cobertura noticiosa do câncer no JN**. In: Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 2012, Curitiba. Disponível em: <http://soac.bce.unb.br/index.php/ENPJor/JPJor/paper/view/1989/352>

MAIA, Livia. **Desenvolvimento da TV em Juiz de Fora: um olhar sobre a TV Alterosa**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DE COMUNICAÇÃO, 2005, Rio de

Janeiro. Disponível em:

<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/73901833483056201049067046805512263928.pdf>.

Acesso em: 15 de agosto de 2012.

MARTINS, Simone. **A Construção da Identidade no Telejornalismo Regional: O Processo de Produção da Notícia no MGTV1**. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sudeste. Juiz de Fora: UFJF, 2007.

_____. **Identidade no telejornalismo local: A construção de laços de pertencimento entre a TV Alterosa de Juiz de Fora e seu público**. Juiz de Fora: 2009. Dissertação de mestrado (Comunicação).

_____. **Panorama da Produção Jornalística de Televisão em Juiz de Fora: Laços de Pertencimento Locais ou Regionais?** UFJF. In: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Caxias do Sul, RS – 2 a 6 de setembro de 2010.

MATA, Jhonatan. **Um telejornal para chamar de seu: identidade, representação e inserção popular no telejornalismo local**. Juiz de Fora: UFJF, 2011. Dissertação de mestrado (Comunicação).

_____. COUTINHO, Iluska. FERNANDES, Lívía. **A dor da gente (também) sai no (tele) jornal: A vitimização da população no telejornalismo local**. Revista PUCRS – Vol. 15, nº 24: (2010). Disponível em:

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/viewFile/9027/6250>. Acesso em 23 de janeiro de 2013.

MATTOS, Sérgio. **A Revolução Histórica da Televisão Brasileira**. In: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (orgs). 60 anos do Telejornalismo no Brasil. Florianópolis: Insular, 2010.

MUSSE, Christina Ferraz. **Imprensa, cultura e imaginário urbano: exercício de memória sobre os anos 60/70 em Juiz de Fora**. Tese de Doutorado. Escola de Comunicação da UFRJ. Rio de Janeiro, 2006.

PERUZZO, Cicília. **Mídia local, uma mídia de proximidade**. São Paulo: Unimar, 2003.

_____. **Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências**. São Bernardo do Campo: Umesp, 2005.

REZENDE, Guilherme Jorge. **Telejornalismo no Brasil, um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.

ROSA, Virgílio Gruppi. **O papel do telejornalismo regional**. Juiz de Fora: UFJF, 2009. Trabalho de conclusão de curso (Comunicação).

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são**. 2ª ed. Florianópolis: Insular, 2008.

TÉTU, Jean-François. **A informação local: espaço público local e suas mediações**. Brasília: Paralelo 15, 1997.

VIZEU, Alfredo. **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008

_____. **Decidindo o que é notícia. Os bastidores do telejornalismo**. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/vizeu-alfredo-decidindo-noticia-tese.html>.

WOLF, Mauro. **A Teoria funcionalista das comunicações de massa**. In: Teorias da Comunicação. 5ª ed. Lisboa: Presença, 1999.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão**. São Paulo: Ática, 1996.

Entrevistas:

VICIOLI, Marcelo. Entrevista concedida à autora para este trabalho, realizada no dia 19 de janeiro de 2013 em Juiz de Fora – MG

RIBEIRO, Paulo. Entrevista concedida à autora para este trabalho, realizada no dia 20 de janeiro de 2013 em Juiz de Fora – MG

Análise:

MGTV 1ª edição, TV Integração, Juiz de Fora – MG, 21/01/2013

MGTV 1ª edição, TV Integração, Juiz de Fora – MG, 22/01/2013

MGTV 1ª edição, TV Integração, Juiz de Fora – MG, 23/01/2013

MGTV 1ª edição, TV Integração, Juiz de Fora – MG, 24/01/2013

MGTV 1ª edição, TV Integração, Juiz de Fora – MG, 25/01/2013

8. APÊNDICE

A. ENTREVISTA 1

Marcelo Vicioli – Gerente de Jornalismo da TV Integração

Terça-feira, 19 de fevereiro de 2013

De onde você é? Qual sua formação? Como você chegou até aqui? Você já conhecia Juiz de Fora?

Eu não conhecia a cidade pessoalmente, só por internet. Sou do interior de São Paulo, de Jaú. Já passei por afiliadas do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Minas Gerais antes de chegar aqui. Sou formado na PUC, pós-graduado pela fundação Getúlio Vargas e tenho MBA pela SPL/São Paulo. Tudo na área de comunicação e marketing. Eu acompanhava Juiz de Fora porque trabalhava em afiliadas, mas na cidade eu nunca tinha estado até então. Vim pra cá a convite da TV Globo. Ela me tirou de onde eu estava e me trouxe para cá.

Há quanto tempo você está à frente da gerência de jornalismo da TV Integração?

Há dois anos e três meses.

Qual o número de produtores, editores e repórteres que trabalham na produção do MGTV primeira edição?

A gente não tem mais isso setorizado. Na verdade a redação trabalha para todos os produtos da casa. A gente não especifica que é do 1 e quem é do 2. A gente não trabalha dessa forma. Se eu te falar, estarei cometendo uma injustiça, porque, por exemplo, tem o pessoal da tarde que está produzindo para o 1 também, e tem gente da manhã produzindo para o dois. Então não tem muito essa especificação de equipes direcionadas para um único produto. No geral, para todos os produtos da casa a gente tem seis produtores, sete equipes de reportagem e seis editores.

Em média, excluindo os intervalos comerciais, qual é o tempo médio de veiculação do MGTV?

45 minutos.

Esse tempo é de produção local?

Isso tudo é local, pois o MG1 é todo local, gerado aqui na emissora.

Com a mudança de gestão na emissora, o telejornal sofreu algum tipo de modificação?

Eu já estava aqui, cheguei um ano antes dessa mudança. Não houve. Já tínhamos uma sincronia, uma sinergia, porque a emissora já era 50% do grupo Integração. Então nós tínhamos reuniões semanais, a gente já estava praticamente alinhado. Não houve mudança.

Isso não influenciou em nenhuma mudança no telejornal?

A gente teve alguns quadros que passamos a fazer e que não fazíamos antes. Mas nada além de quadros.

Em sua avaliação, o MGTV veiculado pela emissora é um programa de Juiz de Fora?

Ele tem caráter regional, voltado para a Zona da Mata e Vertentes?

Ele é todo produzido localmente. O objetivo de você ter essas emissoras espalhadas pelo Brasil, como a TV Globo tem, é exatamente para dar conteúdo local, você divulgar o que está acontecendo na sua região. Quando você fala Juiz de Fora, nós estamos em Juiz de Fora, mas estamos atendendo um raio de 121 municípios. A emissora que está em Juiz de Fora não pode divulgar só Juiz de Fora. Na verdade ela tem toda essa área de cobertura na sua concessão. Então nós temos que divulgar as informações mais importantes dessas 121 cidades.

Como é feita a escolha das pautas entre o local, o regional e o estadual?

É o grau de importância para a comunidade onde a gente atua. Vale pauta mediante a relevância que essa notícia tem para a comunidade onde atuamos, para esses 121 municípios. Então e algum dia a gente tiver um caso em Belo Horizonte específico da Zona da Mata, com certeza daremos um peso maior porque ele vai tratar dessa região da Mata, Vertentes e três

cidades da Mantiqueira, que é a nossa área de cobertura. Então vale e vai para o ar o que mais vai impactar na comunidade onde atuamos.

Há alguma distribuição/um padrão de tempo de produção para Juiz de Fora e para as outras cidades da região?

Não. Se você fizer uma análise mais criteriosa, você vai ver que Juiz de Fora toma pelo menos 60% dos nossos noticiários, porque Juiz de Fora tem mais importância, mais relevância se comparado às cidades menores da nossa área de cobertura. Volto a dizer que o critério principal e primeiro critério para determinar o que é pauta ou não é a relevância para a área onde a gente atua.

No dia a dia, vocês dão prioridade a algum tipo de pauta em detrimento a outras? Por quê?

Não damos prioridade. Vai valer o que tem repercussão regional no que vai modificar a vida das pessoas onde a gente está inserido.

E há prioridade a editorias? Por quê?

Não também. Não temos prioridade. A prioridade é dar a informação mais importante para as pessoas que estão assistindo. Essa é a nossa prioridade.

Quais são os critérios de noticiabilidade que vocês mais utilizam no telejornal?

Se você acompanhar e analisar os jornais, você vai ver que eles são muito diferentes. Existe um padrão editorial que é seguido, mesmo para você não surpreender as pessoas que estão em casa. Assustar, porque surpreender é o que você quer fazer, mas você não pode assustar seu telespectador. De uma forma ou de outra ele tem que estar adaptado a aquele produto que chega na casa dele todo dia. Mas uma coisa pesar mais do que a outra, isso ser decidido internamente, não. As notícias próprias é que vão dizer o quanto elas pesam. O principal e primeiro critério, volto a dizer, é o impacto que vai causar dentro da nossa área de cobertura.

Por que o peso das matérias de Juiz de Fora no MGTV primeira edição seria de aproximadamente 60%?

Pelo grau de importância da cidade, porque ela concentra uma série de órgãos estaduais e federais, muitas decisões que são tomadas na cidade acabam impactando nas outras cidades da região. Então essa diferenciação se dá por conta da importância das decisões que são tomadas na cidade.

Como vocês buscam representar a cidade? Por exemplo, vocês levam em consideração a questão da mineiridade em Juiz de Fora, uma vez que a cidade não possui características tão mineiras?

Levamos. Mas será que isso não é só mais uma lenda? Não sei. A gente vê que tem uma ligação, mas nós estamos no estado de Minas Gerais, então a gente tem que valorizar esse ponto de vista. Eu acho que você está dentro do estado, nossa área de cobertura é do estado de Minas Gerais. Claro que nós levamos em consideração, mas eu não vou pegar a reportagem que vem do Rio de Janeiro só porque ela é produzida no Rio de Janeiro. Se ela tiver alguma interferência no dia a dia das pessoas daqui, com certeza nós vamos avaliar e vamos usar, mas não pesar essa reportagem só por vir do estado do Rio de Janeiro. Isso não.

De acordo com pesquisadores de Juiz de Fora, a cidade possui características simbólicas como seu espírito empreendedor e de vanguarda. Vocês levam isso em consideração no dia a dia?

Não. Você acredita que isso acontece? O que a gente quer é, de alguma forma, desenvolver a região, não só Juiz de Fora, mas tentar desenvolver a região onde a agente atua. É importante para a empresa que está nessa região ter a região desenvolvida. Então eu acho que a TV trabalha, não só o jornalismo, mas a TV trabalha para contribuir com esse desenvolvimento. Não tentando valorizar coisas do passado, mas eu acho que a gente trabalha muito com a

realidade, e de forma positiva, tentando valorizar e ajudar de alguma forma a região onde a gente está inserido.

E você acredita que isso ajuda a criar uma identidade para o telejornal, para a cidade e para os juizforanos?

Olha, a forma com que a gente conduz o telejornal, nosso jornal é o de maior, se não foi o primeiro ele está entre os três de maior audiência no estado de Minas Gerais. E a audiência é aferida em Juiz de Fora. Então eu acredito que a condução que a gente dá a esse jornal mais leve, conversado, às vezes ele caminha um pouco na revista e volta para o *hard news*, ele tem essa possibilidade de mistura pelo tempo dele, que é muito longo. Então eu acho que a gente está caminhando certo, eu acho que a gente está desenvolvendo nosso telespectador.

Quais são os quadros do MGTV primeira edição?

Eu não sei de cabeça. Acho que eles beiram dez.

Como surgiu a ideia de criar esses quadros, principalmente depois que a Integração assumiu?

Trabalhamos com um conceito de rede, respeitando o regionalismo de cada geradora, de onde estamos inseridos. Mas de uma forma ou de outra você tem que trabalhar em rede. A gente tem um propósito essencial e dentro desse propósito a gente quer desenvolver essas regiões onde estamos inseridos. Então existe um conceito de rede, que é trabalhado por toda a rede. Esses quadros fazem parte desse conceito. E o que você quer com o quadro? Você quer estar próximo do telespectador, falar uma linguagem que a atrai. Então a gente faz isso em outras praças e em Juiz de Fora. É uma forma de unificação, preservando o regionalismo de cada região.

A produção deles nem sempre é local, a exemplo do quadro MG Tec, que utiliza matéria de outra região. Por quê?

Ele é compartilhado. Fazemos isso porque a gente pode usar o nosso pessoal para estar, de repente, focado em outro tipo de reportagem. Você consegue agregar possibilidades ao jornalismo podendo usar a reportagem de outra praça. Por que não ser de fora se a limpeza de computador é igual em todo lugar? Então eu consigo concentrar o nosso time, de repente, fazendo uma produção que seja maior, por exemplo, manter uma pessoa no Haiti. Como eu consigo manter uma pessoa no Haiti por 15, 20 dias como nós fomos em janeiro? A rede é que me ajuda. Quer dizer, nessas reportagens que vem de fora, nós não estamos especificando alguma coisa que é da cultura de lá e estamos tentando introduzir aqui. Não tem nada haver. Se você perceber, a limpeza de computador pode ser feita aqui, pode ser feita em Divinópolis, Uberlândia. Ela é a mesma. Então isso nos dá folego na produção diária para, por exemplo, concentrar a nossa força do time em uma outra produção um pouco mais bem elaborada e desenvolvida.

E no caso de matérias com caráter nacional que vocês buscam trazer para cá, a exemplo da matéria que tratava da suspensão do medicamento contra o câncer infantil. Vocês costumam fazer isso com alguma frequência?

Se for um problema local, a gente vai atrás. Não tem na nossa pauta uma obrigatoriedade de fazer isso, mas se esse problema refletir dentro da nossa região, vamos atrás para saber se isso está acontecendo aqui. E agente vai divulgar sim. Por que não?

E retomando a questão de usar matérias produzidas em outras praças. Vocês fazem isso com alguma frequência?

Existe um conceito de rede. Belo Horizonte, de certa forma, faz parte dessa rede porque também é TV Globo. Outras emissoras fazem isso. Se você avaliar os colegas concorrentes, eles também vão ter material que é produzido em outras regiões e que também são exibidas aqui.

Mas não há uma obrigatoriedade?

Não, nenhuma. Se em um dia você tiver um peso que é maior regional, com certeza a gente vai direcionar o telejornal pra isso.

Em relação aos diálogos entre apresentadora e repórteres na rua, entrevistas versus material editado. Por que isso?

A gente não conversa com o material editado. Nós passamos alguma reportagem e depois o ao vivo conversa. É uma forma de você acrescentar o assunto. E se você colocar só o apresentador chamando reportagem fica chato. Vai ser um jornal da década de 70, final da década de 60. Assim como as pessoas mudaram, os nossos telespectadores também mudaram e passaram a exigir um grau de informalidade maior. É por isso que fazemos isso. Você conversar no telejornal, passar informação conversando, você tem informalidade na sua conversa.

Então vocês buscam a informalidade?

Com certeza.

E há uma definição de qual seria o público do MG1?

Basicamente são mulheres que estão em casa nesse horário. Mas aí estou falando em relação a Juiz de Fora. Se você pegar uma cidade menor, as pessoas tem hábito de almoçar em casa, então esse público já muda. Então como é uma rede aberta, não tem como você determinar qual é o seu público-alvo. Por isso que a gente tem essa diversidade grande de assunto no telejornal, porque na verdade a gente está atingindo várias pessoas, é uma rede aberta. Então quem é que está do outro lado? São pessoas de várias classes sociais, são pessoas de várias faixas etárias. Não dá para determinar justamente por ser uma rede aberta, um canal aberto.

E eu volto na questão dos diálogos. Tem um tempo pré-definido para isso? Número de entrevistados?

Não. Vale o quanto render. Se for um assunto que rende, naturalmente ele vai evoluir jornal adentro. Se não for um assunto que rende, com certeza a gente vai reduzir o tempo. A gente

entra com tempos pré-estabelecidos, mas não que eles tenham rigorosamente que seguir aquele tempo.

E em relação reportagens de fora. Há um tempo pré-estabelecido para mostrar as outras cidades?

Concorda que a notícia acontece em todas as cidades? Então se a gente tem mão de obra alocada no Campo das Vertentes, se o Fabrício está nessa região, viajando cidades que é de responsabilidade daquela equipe, se ele tiver demanda, ele vai entrar, vai participar. Claro que procuramos valorizar a região. Se nós estamos lá, se decidimos mandar mão de obra para esse lugar, é porque esse lugar de certa forma sinalizou que precisava de uma pessoa lá. Ele mostrou pra gente que ele tinha volume de informação e que necessitava de alguém estar lá. Então é por isso que a gente tem uma equipe alocada no Campo das Vertentes, até para poder dar conta de cobrir esses municípios. A ideia é que isso se expanda que a gente não tenha apenas uma equipe no Campo das Vertentes. Podemos até, inclusive, avançar no nosso planejamento estratégico vista direcionamentos e demandas para outras regiões também, dentro da região maior que é a da nossa área de cobertura, dos 121 municípios que abrangem a Zona da Mata, Vertentes e Mantiqueira.

Vocês buscam fazer interlocução entre as matérias de JF com as outras cidades. Um exemplo seria a matéria de patrimônios públicos, que fala sobre os casos em JF e chama São João Del-Rei.

Estamos em São João Del-Rei e lá tem demanda. Se nesse caso também existir a notícia nesse sentido lá, por que não chamar? Se estivermos falando de um assunto onde lá existe um detalhamento muito maior desse assunto, é natural que a gente vá até lá.

Mas vocês buscam fazer isso com alguma frequência?

Não. Tentamos sim divulgar e abraçar a região. Sempre vamos ter equipes viajando para sempre estar representando a região. Não que isso seja regra, mas vamos onde a notícia está. Tentamos estar presentes sempre onde há notícia. Essa é a nossa premissa.

Então não há uma preferência por Juiz de Fora devido ao fato da emissora estar localizada aqui?

Não. É natural que ela tome mais tempo dos telejornais pelo que eu disse. A representatividade de Juiz de Fora para as outras 120 cidades é muito grande e muito importante. É natural que as decisões sejam tomadas aqui. Aqui se tomam decisões que interferem diretamente nos outros municípios.

B. ENTREVISTA 2

Paulo Ribeiro – Editor-chefe do MGTV primeira edição - TV Integração

Quarta-feira, 20 de fevereiro de 2013

Primeiramente gostaria de saber sobre você. De onde você é? Qual sua formação? Como você chegou até aqui? Você já conhecia Juiz de Fora?

Eu sou de uma cidade próxima, Bias Fortes, 106* km daqui. Em 1998 eu vim para cá para fazer o 2º grau e, a partir daí, fiz cursinho, faculdade, me formei, fiz especialização. Trabalhei em algumas rádios e depois voltei para a TV, para o grupo que na época era Panorama e estou aqui desde 2010. Sou formado pela UFJF. Claro, a vida inteira sim, Por ser de uma cidade muito próxima, que faz divisa, e a família da minha mãe morava no bairro Santa Luzia, desde criança eu sempre vim e, por outro lado até mesmo eu tinha uma percepção da própria TV, seja a globo JF, a Panorama, a Integração eu sempre vi. Mas eu tenho vivência mesmo aqui.

Há quanto tempo você está à frente do cargo de editor-chefe do MGTV 1ª edição?

Tem cinco meses. A gente teve algumas mudanças nesse período e ai dentro da reorganização, a Marina que é apresentadora do MGTV 2ª edição era então editora-chefe e eu

era editor-adjunto. E ai ela foi apresentar o MGTV 2ª edição e eu como adjunto fui para responsável.

Com a mudança de gestão na emissora, o telejornal sofreu algum tipo de modificação?

O que a gente percebe é que a linguagem do telejornalismo regional, ela vem se readequando. E isso é muito percebido independente de até mesmo de marca. Nós chegamos aqui em 2010 mesmo, um evento que reuniu editores-chefes, produtores. Na verdade nos estávamos aqui então todos nós participamos. Esse evento reuniu as afiliadas de Minas, Rio, Espírito Santo e São Paulo. Entre os palestrantes tinha a editora-chefe do NE 1ª edição, do Nordeste, e tinha o diretor de jornalismo da RBS, que é do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. E o que a gente vê é que existe uma busca de uma linguagem cada vez maior do praça 1. Então vai se readequando. Mas eu não acho que tenha necessariamente haver com a mudança de marca. Eu acho que é um caminho que a TV neste momento, onde há um processo de mudança na mídia, a TV segue também esse caminho reorganizando. E o fato de estar no grupo, a gente agregou algumas coisas, recebemos algumas influências e fizemos um produto local, que apesar de sermos parte dos jornais, chama TV Integração, mas é uma rede. Não sei por que não colocaram o nome de Rede Integração. Mas ai temos Divinópolis, Uberaba, Uberlândia e Juiz de Fora como geradoras, onde há estúdio. E são jornais muito diferentes. A gente mantém uma característica muito de serviço. Tem algumas características nossas que me parece que é até meio características da geradora de Juiz de Fora historicamente, que eles mesmos dizem, uma vez eu ouvi um comentário, olha, a gente tem que aprender muito com vocês, vocês são muito dinâmicos. E a gente tem essa característica que, de alguma forma, é um fio condutor, da forma de fazer o telejornal, de tanta gente que já passou por aqui.

Em sua avaliação, o MGTV veiculado pela emissora é um programa de Juiz de Fora?

Tem. A gente, nos últimos anos ainda com a marca Panorama, houve uma alteração muito grande, pelo menos na minha percepção, que já estou algum tempo na casa, mas eu sempre fui

apaixonado por jornalismo, por rádio, adoro JF, sou apaixonado, então eu sempre acompanhei muito. Então eu percebo que tem sim uma característica regional, de abordar as cidades, principalmente Zona da Mata e Vertentes. E não é atoa que todo dia a gente tenha 2 ou 3 equipes viajando, fora o escritório que foi aberto em São João Del-Rei, então é uma cobertura regional sim.

Você acredita que ele é um telejornal de JF?

Não, eu acho que, como sendo aqui a sede e a disparidade em ver outras regiões de Minas, vedo o tamanho tanto economia e principalmente população, é muito disparo. São 600 mil habitantes em JF e as outras cidades com cento e poucos mil. Então se eu pego o Vale do Aço da Inter TV, são 3,4 cidades com 200 mil habitantes. Então é meio dividido, eles estão lá em Fabriciano, em Valadares, Ipatinga, tudo muito parecido as cidades. Aqui por ser sede da TV, a gente tem uma cobertura naturalmente maior por ser a cidade, até da minha história que ainda traz muita gente, que ainda tem essa importância e claro, pela Zona da Mata e Vertentes flutuar tanto aqui.

Como é feita a escolha das pautas entre o local, o regional e o estadual?

A gente prima muito por serviço; serviço no sentido amplo, porque o serviço “quem inscreve, onde pode se inscrever”, que já foi visto como serviço há algum tempo, hoje em dia ele tem seu lugar, mais a gente foi readaptando, a gente tem o tome nota que tem espaço para esse serviço. Mas é muito do que chega do telespectador, do que temos de pesquisas, do que a gente vê. Eu particularmente tento ver, se não diariamente, mas com uma grande frequência, o RJ, o SP, o praça 1 dos dois porque são totalmente diferentes. A linha dos dois são totalmente diferentes, ou seja, é uma escolha do editor, a partir de pesquisas. Então eu acho que a gente segue um pouquinho isso também.

No dia a dia, vocês dão prioridade a algum tipo de editoria em detrimento a outras? Por quê?

Em detrimento não. Eu acho que a gente tenta cobrir o máximo de informações possíveis, mas em detrimento não. Eu acho que informação é informação.

Na hora da edição das matérias, você leva em consideração às questões relativas à Juiz de Fora?

Na hora da edição você está trabalhando com todo um processo. Então na edição você já tem uma série de percepções que foram captadas desde a reunião de pauta, a apuração. Então eu acho que você tem que priorizar nada nesse sentido. Você tem que trabalhar em cima dos fatos. Então, é lógico que temos umas discussões, como uma matéria sobre pichações, então a gente foi nesses patrimônios mais conhecidos pelas pessoas. Mas priorizar, no sentido negativo da palavra, não. A gente trabalha com o produtor que a gente tem tudo o que foi captado nesse processo de produção.

Mas na hora de buscar representar, vocês buscam mais esses pontos de referência?

Também, mas agente busca também muito bairro. Tudo que dentro da nossa possibilidade técnica de, por exemplo, fazer vivo, que é uma coisa que, por exemplo, a gente está falando de diferentes telejornais, a nossa linha de ter tantos vivos, as outras geradoras do grupo tem. Então, tecnicamente, se existe a possibilidade de vivo, então onde tecnicamente dá para a gente fazer o vivo, a gente faz. Então eu acho que tentar cobrir como um todo, mostrando claro essas características conhecidas de JF, mas também assim, se a gente repetir o que já tem o que as pessoas vão ver? Um olhar diferente sobre o que se tem é sempre mais interessante. Eu, como receptor de produto de comunicação, penso também dessa forma. Eu acho que sempre buscar ver a mesma coisa de formas diferente de abordar. A gente tenta sempre. Às vezes consegue outra não.

Em relação aos diálogos entre apresentadora e repórteres na rua, entrevistas versus material editado. Por que não editar a entrevista juntamente com os outros personagens da matéria?

O jornalismo, cada vez mais, é ao vivo. Se você ver Rio e SP, uma grande quantidade de produtos são ao vivo. Então, cada vez mais, tem que ser assim. É a linha mesmo, e a forma de cobertura é o ao vivo, são as entrevista, dentro das possibilidades é a informação ao vivo. Se você pegar o JH, se você pegar os praças, eles tem uma quantidade de produtos ao vivo muito grande. Então é uma forma cada vez mais presente no jornalismo, que particularmente eu gosto. Apesar de ser muito emocionante, do vivo cair, do entrevistado não chegar, mas para o público e você como receptor, quando você vê um produto com o selinho do ao vivo, dá uma outra percepção, em tempo de twitter, de facebook, de redes sociais, até mesmo da própria rádio, que sempre foi um produto jornalístico sempre ao vivo, mas eu acho que é característica do jornalismo de hoje em dia, que também está se buscando fazer. Eu acho que não estamos inventando uma roda, que a gente não está fazendo nada diferente. A gente está buscando caminhos para dentro da nossa realidade, dentro da nossa percepção do que vemos na nossa área de cobertura e das matérias que a gente traz e das nossas possibilidades técnicas, ter esse espaço ao vivo.

Qual é o peso das matérias de JF no MGTV primeira edição? Há alguma distribuição/um padrão de tempo de produção para Juiz de Fora e para as outras cidades da região?

Não. As pessoas, às vezes, eu percebo que existe uma percepção às vezes que as coisas são premeditadas. É lógico que JF, naturalmente, tem um peso maior por ser uma cidade com um maior número de habitantes, ser a sede. Ao longo do tempo, algumas cidades perderam importância e outras ganharam. Mas não existe um peso. Existe o peso da informação, onde tiver o fato, onde der para a gente cobrir na região Zona da Mata e Campo das Vertentes, a gente cobre. Mas naturalmente o que acontece aqui, o funcionamento de um serviço bancário aqui, às vezes afeta uma série de pessoas que vai sair da sua cidade para vir aqui. Então JF tem um espaço maior na região como um todo.

Então vocês não priorizam as matérias daqui?

Vale a informação, vale o fato. Claro que as teorias são aplicadas na prática de uma forma interiorizada.

Quais são os critérios de noticiabilidade que vocês mais utilizam na hora de editar o telejornal?

A gente busca, através de pesquisas, de percepção, entender que público é o nosso, para onde a gente vai falar. Então, o primeiro sem dúvida é o factual. O factual norteia a gente, nós damos um jeito para ele entrar. Depois a gente tenta trabalhar com coisas que sejam interessantes para nossos públicos através de pesquisas, através de informação. Então por exemplo, a gente tem alguns quadros fixos que vem trazendo um retorno no sentido de percepção do jornal e de público específico muito interessante. Hoje temos o MG Tec que é fixo em nossa grade, tem uma apresentadora no estúdio. É um assunto de tecnologia que está cada vez mais presente, com um acesso cada vez maior. E eu posso falar isso porque, além de tudo, sem estereótipos, eu moro em bairro, eu pego ônibus. Então não tem discurso elitista, não tem nada. O acesso à tecnologia hoje é. E eu acho que vai por aí. A questão do próprio serviço, de saúde que é sempre importante. A gente tem agora, como produtor de conteúdo, a gente busca sempre o novo. A gente tinha uns quadros fixos que agora mudaram. Um exemplo é o “Veículos”, “Educação”, enfim. O MG Tec é fixo aqui, mas para algumas praças ele varia. Tem alguns quadros que a gente toma a decisão de substituir. Hoje temos nas quartas-feiras, além do MG Tec, o “Cardápio Saudável”, na quinta os “Pais de primeira viagem” e sexta o “Educação infantil”. Então a gente tem os quadros fixos, que de alguma nos balizam, e tem a busca pelo factual. Fora isso temos os serviços, como o “Você no MGTV”, que é uma característica da Globo.

Em relação aos quadros do MGTV 1ª edição, nos quais a produção nem sempre é feita em Juiz de Fora. Exemplo da semana de análise são os quadros “MG Tec” e o “MG Educação”, que tem matérias vindas de outras geradoras. Por que disso?

São assuntos e temas que, justamente pelo vivo, dá pra gente trazer para o local a partir do vivo. Então a gente tem VT's, o fato da novidade de um smartphone, por exemplo, é independente de ser aqui ou lá, já outras que são locais. Além disso, a gente tem a possibilidade de trazer um vivo local, de trazer um especialista para falar sobre o assunto, a realidade aqui. Então fazemos o rodizio de alguns quadros, mas geralmente são temas que cabem aqui e cabem em outro lugar. É lógico que tem pontos específicos, como falar de educação, buscar falar como é em Juiz de Fora. Agora também temos um rodizio, uma escala que a gente faz. A gente busca fazer um vivo falando da realidade em Juiz de Fora. Eu acho que tudo é para somar. Eu acho engraçada essa discussão, às vezes eu acompanho pela rede social, há pouco tempo, quando começou a colocar a Zona da Mata em Juiz de Fora, eu via muitos questionamentos como: “O que eu quero saber de Barbacena?”, “O que eu quero saber de não sei o que?”. Ou seja, da nossa região. Ai veio a Integração e criou-se uma outra discussão: “O que eu quero saber do Triângulo?” Quer dizer, no nosso caso do MG1, por exemplo, a gente deu uma adaptada também para a nossa realidade. O que a gente faz? Nós criamos mais notícias, aquela lapada no final do jornal, onde traz o resumo de factuais no estado. O que às vezes nessa discussão as pessoas não percebem é que o *fade* era 28 minutos, hoje meu *fade* foi de 44. Com 28 é lógico que você preenchia muito mais com Juiz de Fora, agora com 44 não é para ocupar espaço, mas a gente tem a possibilidade e de trazer outras informações de outras partes de Minas Gerais e também de outros tipos de serviço em que a gente pode cobrir com matérias daqui e de fora também.

Em dias que a produção de matérias é maior do que o tempo de veiculação do telejornal e há necessidade de escolher uma matéria. Você opta por matérias de JF?

A primeira escolha é pelo factual, o que é importante.

E se ambas são frias?

É uma escolha do momento. Eu acho que não tem, é uma escolha em um momento de planejamento. Temos reuniões de pauta todos os dias, são duas grandes reuniões por dia, uma de manhã, quando eu chego. Acabou o MG1 a gente vai para a sala e faz uma reunião de média 40 minutos. Acabou essa reunião, ainda tem uma pequena reunião com os produtores da tarde para fazer alguns ajustes. E depois do MG2 tem uma terceira reunião. Então somos balizados muito com a opinião, com os e-mails que chegam e a partir dessas reuniões. Então não há uma priorização. Naturalmente a gente acaba tendo uma produção de matérias maior de Juiz de Fora, mas isso depende da informação. Nós trabalhamos com processos de produção. Eu não vejo maldade no processo de escolha, de seleção dessa ou daquela matéria, de usar comercialmente. É o processo de produção diária que erramos em um dia, acertamos no outro, pegamos referências de fora, pegamos o que chega pra gente. Eu acho que isso é importante, o processo de produção, a escolha do factual e do que se busca ser importante.

Mas a primeira escolha é pelo factual?

Claro. Também é a forma de abordagem. A Globo nunca teve uma linha de abordagem pesada. Trazemos informações, a gente traz uma discussão. Eu não gosto de comparar, mas não abordamos de uma forma que não é característica, que as pessoas não estão acostumadas a ver na Globo. Como afiliada, seguimos essa linha. Então buscamos o factual, se der um LOC OFF, uma nota seca, um VT, um vivo. Eu acho que o importante é informar da forma que seja o mais clara possível.

Você acredita que o MGTV representa de forma adequada Juiz de Fora e os juizforanos?

Nós nos baseamos no factual. Comparando Juiz de Fora com São Paulo, claro que lá vão acontecer mais fatos do que aqui. Então a gente busca trazer as informações, o que aconteceu,

da forma como é possível e da forma como acreditamos ser adequada. No 1 a gente sempre tenta buscar debates, das pessoas de alguma forma ligadas ao fato. Buscamos assuntos variados.

E no caso da representação onde se mostra JF e a população no telejornal?

É a vida das pessoas. É claro que em momentos especiais a gente tenta trazer de uma forma diferente. No ano passado, no aniversário de Juiz de Fora, a gente colocou pessoas cantando o hino de Juiz de Fora em hip hop. Por que não? Então eu acho que não tem uma priorização no sentido de uma coisa, um estereótipo negativo. Não existe um olhar maquiavélico de deixar mais espaço para Juiz de Fora. Fazemos vivo de cidades que tecnicamente são onde podemos. Se pudéssemos estar em mais estaríamos. Muriaé, Leopoldina, Barbacena e São João Del-Rei é o que é possível hoje. Se pudermos estar em mais cidades, vamos estar. O que não significa deixar Juiz de Fora. A gente tenta trazer o dia a dia para as pessoas e talvez mostrar caminhos, sugerir caminhos, trazer discussões e tentamos criar uma linguagem que as pessoas entendam e gostem. O que a gente quer é produzir. É lógico que fazemos parte de uma rede, de um grupo que tem equipes em outros lugares que fazem VT's que poderíamos estar fazendo aqui e coisas "frias". Então por que não trazer esse VT? Por Juiz de Fora ser uma cidade que agrega, ser a cidade mais importante da nossa região, a cobertura daqui é maior, cerca de 60%. A gente tenta sempre ser local e regional.

C. ESPELHO DA SEMANA DE ANÁLISE

Segunda

MGTV 1ª edição RETRANCA: DESCOBERTA SAPO – FELIPE TEMPO: 02:09	21/01/2013
---	------------

<p>/// RODA VT ///</p> <p>IMAGENS RAMON WILLIAN</p> <p>OFF 1</p> <p>MATHEUS DE OLIVEIRA NEVES BIÓLOGO</p>	<p>CABEÇA</p> <p>/// SOBE SOM ////</p> <p>OS PESQUISADORES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA FAZIAM HÁ SETE ANOS UM MAPEAMENTO DE ESPÉCIES LOCAIS, QUANDO SE DEPARARAM COM ESSE SAPO, MENOR QUE UMA MOEDA DE DEZ CENTAVOS, DE COLORAÇÃO ESCURA E FÁCIL DE SER CONFUNDIDO COM AS FOLHAS DO CHÃO. A ARMADILHA USADA DA CAPTURA É ESSA CERCA DE LONA, QUE ORIENTA O SAPO PARA DENTRO DO FUNIL GRADEADO.</p> <p>O TRABALHO COMEÇOU COM ARMADILHAS DE FUNIL E COM BALDES. E AÍ, COM A AVALIAÇÃO DA EFICIÊNCIA, NOS DESCOBRIMOS QUE OS FUNIS ERAM MAIS EFICAZES DO QUE OS BALDES QUANDO SE TRATA</p>
---	---

OFF 2	<p>DE ANFÍBIOS. COMO OS ANFÍBIOS SALTAM, ELES PULAM, E AS PERERECAS ELAS GRUDAM, ENTÃO ERA MUITO FÁCIL ESCAPAR DESSES BALDES. ENTÃO NÓS RETIRAMOS ESSES BALDES E USAMOS AGORA A METODOLOGIA SOMENTE DO FUNIL.</p>
FELIPE MENICUCCI JUIZ DE FORA	<p>O ANFÍBIO É DO GÊNERO <i>ANDRELOFINE</i>, TERMO EM LATIM QUE SIGNIFICA SAPO DESCONHECIDO. ELE SÓ FOI ENCONTRADO AQUI, NA ÁREA PRESERVADA DE MATA ATLÂNTICA EM UM PARQUE MUNICIPAL DE JUIZ DE FORA.</p>
EMANUEL MASIERO DE OLIVEIRA BIÓLOGO	<p>A MAIORIA DAS ESPÉCIES DE ANFÍBIOS TEM HABITO NOTURNO E GOSTA DE UMIDADE, POR ISSO OS PESQUISADORES PRECISAM ENTRAR NA MATA INDEPENDENTE DO HORÁRIO E DO CLIMA PARA VISTORAR AS ARMADILHAS E COLETAR OS EXEMPLARES.</p>
OFF 3	<p>QUANTO MAIOR MEU ESFORÇO INDO NO CAMPO, MAIOR VAI SER MEU NÚMERO DE ESPÉCIES ENCONTRADAS, MAIOR A MINHA RIQUEZA DO LOCAL. ISSO VAI PODER ME DAR UMA MAIOR CONFIABILIDADE NOS MEUS DADOS E FAZER UMA AMOSTRA QUE SEJA SIGNIFICATIVA REALMENTE DESSE FRAGMENTO.</p>
ROSE MARIE HOFFMANN DE CARVALHO PESQUISADORA	<p>A DESCOBERTA FOI CATALOGADA E PUBLICADA NO ÚLTIMO DIA 30 DE DEZEMBRO EM UMA REVISTA ALEMÃ. A NOVA ESPÉCIE DE SAPO AINDA É ALVO DE ESTUDOS. OS ESPECIALISTAS QUEREM SABER AGORA A FORMA DE REPRODUÇÃO E AS TOXINAS QUE PODEM ALAVANCAR OUTRAS PESQUISAS NO PAÍS.</p> <p>UM GRUPO DE VERTEBRADOS QUE SE CARACTERIZA PELA SECREÇÃO DA PELE. ELES TÊM GLÂNDULAS NA PELE</p>

	<p>E A SUA SECREÇÃO É UMA SECREÇÃO QUE ELA PODE SER UTILIZADA NA FARMACOLOGIA, COMO JÁ TEM SIDO PESQUISADO. OUTROS PAÍSES INCLUSIVE TEM FEITO ISSO NO SENTIDO DE BUSCAR REMÉDIOS, ANESTÉSICOS, ANTIBIÓTICOS PARA O PRÓPRIO SER HUMANO. MAS É UMA ÁREA AINDA QUE O BRASIL AINDA PRECISA CRESCER BASTANTE.</p> <p>DEIXA: "... PRECISA CRESCER BASTANTE." (NA ROSE).//</p>
--	---

Terça

<p>MGTV 1ª edição RETRANCA: VACINAÇÃO – PATRÍCIA TEMPO: 02:15</p>	<p>22/01/2013</p>
--	-------------------

<p>/// RODA VT ///</p> <p>IMAGENS RAMON WILLIAN OSWALDO NEIVA</p> <p>OFF 1</p> <p>GIOVANE VIDAL DE FARIA COMERCIÁRIO</p> <p>OFF 2</p> <p>GIOVANE VIDAL DE FARIA COMERCIÁRIO</p>	<p>CABEÇA</p> <p>/// SOBE SOM ////</p> <p>MATEUS DE QUATRO ANOS TOMOU A VACINA E NEM RECLAMOU. DEIXAR O CALENDÁRIO DO MENINO EM DIA SEMPRE FOI MOTIVO DE PREOCUPAÇÃO PARA OS PAIS.</p> <p>TODA VEZ QUE TEM VACINA EU PREOCUPO, A GENTE DÁ UM JEITINHO DE DAR UMA FUGIDINHA, LEVAR ELE NO POSTO.</p> <p>CUIDADO COM O FILHO SIM, MAS E COMO FICA A PRÓPRIA SAÚDE? QUANDO O ASSUNTO É VACINA, GIOVANE RECONHECE QUE CHEGA A SER DISPLICENTE.</p> <p>DE VEZ EM QUANDO EU FAÇO UNS EXAMES, UMA COISA BEM PERIÓDICA.</p>
---	--

<p>PATRÍCIA AGUIAR JUIZ DE FORA</p> <p>OFF 3</p>	<p>MAS AQUELA PREOCUPAÇÃO DE FAZER MESMO A VACINA NÃO TENHO.</p> <p>ESTAR EM DIA COM AS VACINAS NÃO É UM CUIDADO QUE DEVE SER ADOTADO APENAS COM AS CRIANÇAS. ELAS PODEM ATÉ SER O ALVO PRINCIPAL DAS CAMPANHAS, MAS EXISTEM IMUNIZAÇÕES IMPORTANTES QUE DEVEM ACOMPANHAR TAMBÉM A ADOLESCÊNCIA E A VIDA ADULTA.</p> <p>PARA ADOLESCENTES É IMPORTANTE CONSULTAR UM ESPECIALISTA PRA SABER O PERÍODO DE VALIDADE DAS DOSES E OS REFORÇOS NECESSÁRIOS. QUANTO AOS ADULTOS, EXISTE UMA DIVISÃO POR FAIXAS ETÁRIAS.</p>
<p>CRISTIANO RODRIGO MÉDICO</p> <p>OFF 4</p> <p>ANTÔNIO BISCOTTO</p>	<p>PARA OS ADULTOS MAIS JOVENS, NA PREVENÇÃO DE DOENÇAS COMO HEPATITE, A PRÓPRIA IMUNIZAÇÃO CONTRA RUBÉOLA, CAXUMBAS, SARAMPO. A IMUNIZAÇÃO PARA TÉTANO, QUE CORRE TODAS AS FAIXAS ETÁRIAS. QUANDO VOCÊ PEGA A FAIXA DOS IDOSOS, DOS ADULTOS JÁ MAIS, DE IDADE MAIS AVANÇADA, VOCÊ COMEÇA A SE PREOCUPAR MAIS COM A VACINAÇÃO PRA GRIPE, PORQUE A PRÓPRIA IDADE DEIXA O ORGANISMO MAIS SUSCEPTÍVEL A ESSAS DOENÇAS.</p> <p>HOJE UMA DAS VACINAS CONSIDERADAS MAIS IMPORTANTES ENTRE JOVENS E ADULTOS É A HPV, CONTRA O TUMOR NO COLO DE ÚTERO E CÂNCER NO PÊNIS E ANUS. MAS A LISTA INCLUI AINDA MUITAS OUTRAS DOSES, COMO FEBRE AMARELA, GRIPE, HEPATITE A, B, VACINAS CONTRA CATAPORA, SARAMPO, CAXUMBA, RUBÉOLA. UM CUIDADO INDISPENSÁVEL PARA EVITAR PROBLEMAS DEPOIS.</p>

MÉDICO	<p>AS DOENÇAS QUE PODEM SER EVITADAS POR VACINAS SÃO MUITAS. HOJE NÓS PODEMOS ENUMERAR DE 20 A 25, 30 DOENÇAS. E ESSAS VACINAS HOJE SÃO MUITO EFICAZES E COM BAIXA REAÇÃO. ELAS NÃO SÃO MUITO REATOGÊNICAS IGUAL ALGUMAS VACINAS DE ANOS ANTERIORES, DE MANEIRA QUE É MUITO IMPORTANTE ESSE CALENDÁRIO ESTAR EM DIA.</p> <p>DEIXA: "... CALENDÁRIO ESTAR EM DIA." (NO ANTÔNIO).//</p>
--------	---

MGTV 1ª edição ENTREVISTA AO VIVO: VACINAÇÃO – INÁCIO TEMPO: 01:16	22/01/2013
---	------------

<p>INÁCIO NOVAES JUIZ DE FORA</p> <p>MARINA TEIXEIRA ENFERMEIRA DA SECRETARIA DE SAÚDE</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1- ONDE AS PESSOAS PODEM PROCURAR AS VACINAS? 2- BASTA A PESSOAS COMPARECER? COMO É QUE É O PROCESSO? 3- COMO FUNCIONA O CALENDÁRIO ANUAL DE VACINAÇÃO? AS MÃES, PRINCIPALMENTE QUE TEM BEBÊ PEQUENO EM CASA, TEM QUE ESTAR ATENTA A ISSO? 4- E AGORA A POUCO, ANTES DE ENTRAR NO AR, VOCÊ ESTAVA ME CONTANDO QUE TEM MÃES QUE ACABA ESQUECENDO OU DEIXANDO DE LADO. E ISSO É PERIGOSO? 5- MAS NÃO PODE FAZER ISSO, NÉ?
--	---

Quarta

<p>MGTV 1ª edição RETRANCA: DENGUE – INÁCIO TEMPO: 02:00</p>	<p>23/01/2013</p>
<p>/// RODA VT ///</p> <p>IMAGENS EVANDRO CARVALHO</p> <p>OFF 1</p> <p>SOLIMAR MARIA DA CRUZ APOSENTADA</p> <p>OFF 2</p> <p>SOLIMAR MARIA DA CRUZ APOSENTADA</p>	<p>CABEÇA</p> <p>/// SOBE SOM ////</p> <p>DONA SOLIMAR PASSOU A ENCARAR A DENGUE DE OUTRA FORMA, QUANDO O FILHO CONTRAIU A DOENÇA HÁ TRÊS ANOS.</p> <p>ELE ACORDOU DE MANHÃ, RECLAMOU QUE “TAVA” COM FEBRE, DOR NO CORPO, NÃO “TAVA” CONSEGUINDO ENGOLIR DIREITO, NÉ. NA HORA EU NEM PENSEI EM DENGUE. EU FALEI: DEVE SER ALGUM RESFRIADO. LEVEI ELE NO MÉDICO, O MÉDICO FEZ UM EXAME E FOI CONSTATADO QUE ELE ESTAVA COM A DENGUE. ELE FICOU UNS SETE DIAS EM CASA.</p> <p>DESDE ENTÃO MUDOU ALGUNS HÁBITOS. NÃO DEIXA MAIS PRATINHOS SOB AS PLANTAS PARA NÃO ACUMULAR ÁGUA.</p> <p>EU RESOLVI ABOLIR TODOS. EU PREFIRO QUE MOLHA A VARANDA E</p>

<p>OFF 3</p>	<p>DEPOIS EU ENXUGO E, PRA NÃO FICAR UM DEPÓSITO DE ÁGUA.</p> <p>MORADORA DO JÓQUEI CLUBE, ELA AGORA TEM MAIS MOTIVOS PARA SE PREOCUPAR. O BAIRRO ESTÁ EM SEGUNDO LUGAR ENTRE AS REGIÕES COM MAIOR NÚMERO DE FOCOS DO <i>Aedes Aegypti</i>. A LISTA, DIVULGADA PELA SECRETARIA DE SAÚDE, SERVIU DE ALERTA PARA OS VIZINHOS.</p>
<p>POVO FALA</p>	<p>SONORA 1: TEM QUE TER CUIDADO, NÃO DEIXAR ÁGUA PARADA.</p> <p>SONORA 2: A GENTE TRATA DA CASA DA GENTE, A GENTE FAZ O TRABALHO, A ARTE DA GENTE, E OUTRAS PESSOAS NÃO FAZEM, NÉ? ISSO PREJUDICA MUITO O BAIRRO, A POPULAÇÃO.</p>
<p>OFF 4</p>	<p>O ALERTA SERVE TAMBÉM PARA OS BAIRROS MANOEL HONÓRIO E BAIRU, QUE ESTÃO EM PRIMEIRO NA LISTA. NA PRAÇA DA BALEIA, QUANDO CHOVE, HÁ ACUMULO DE ÁGUA.</p>
<p>INÁCIO NOVAES JUIZ DE FORA</p>	<p>ENTRE OS DEZ BAIRROS COM MAIS FOCOS, HÁ REPRESENTANTES DAS ZONAS NORTE, LESTE, SUL E CENTRO, O QUE MOSTRA QUE A DENGUE NÃO É UM PROBLEMA A SER ENFRENTADO POR UMA REGIÃO ESPECÍFICA, E SIM POR TODA A CIDADE. O ÚLTIMO ÍNDICE DE INFESTAÇÃO PREDIAL, O LIRAA, FOI DE 7,56%, NÚMERO CONSIDERADO ALARMANTE.</p>
<p>OFF 5</p>	<p>80% DOS FOCOS ENCONTRADOS NESSES BAIRROS ESTAVAM NAS RESIDÊNCIAS. O COMBATE A DENGUE PRECISA COMEÇAR EM CASA.</p>
<p>GILSON LOPES SOARES ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO MANOEL HONÓRIO/BAIRU</p>	<p>QUE ELES SE DEDIQUEM UM POUQUINHO, DEZ MINUTOS DO SEU DIA, PROCURANDO NAS SUAS CASAS, NOZ TERRENOS QUE, PORVENTURA, EXISTIREM VAGOS. VIZINHOS, NAS CASAS DOS VIZINHOS, CONVERSEM. PORQUE EU ACHO QUE NÃO EXISTE</p>

	<p>NADA NESSE BAIRRO QUE JUSTIFIQUE UM ÍNDICE TÃO ALTO.</p> <p>DEIXA: "... ÍNDICE TÃO ALTO." (NO GILSON).//</p>
--	---

<p>MGTV 1ª edição ARTE: DENGUE – ÉRICA (ESTÚDIO) TEMPO: 00:18</p>	<p>22/01/2013</p>
--	-------------------

<p>ÉRICA SALAZAR ESTÚDIO</p>	<p>LISTA COM OS 10 BAIRROS COM MAIOR NÚMERO DE FOCOS FONTE: SECRETARIA DE SAÚDE DE JF</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. MANOEL HONÓRIO/BAIRU 2. JÓQUEI CLUBE 3. ALTO SANTO ANTÔNIO 4. SANTA LUZIA 5. LINHARES 6. NOVA ERA 7. BORBOREMA 8. BELA AURORA 9. ZONA NORTE (ÁREA DA CEASA) 10. SANTA HELENA
-----------------------------------	---

MGTV 1ª edição ENTREVISTA AO VIVO: DENGUE – CLAUDIA TEMPO: 02:54	22/01/2013
---	------------

<p>CLÁUDIA OLIVEIRA JUIZ DE FORA</p> <p>JUVENAL MARQUES COORDENADOR GERAL DE CAMPO</p> <p>DONA CRISTINA ENTREVISTA NÃO FOI CREDITADA</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. QUAIS SÃO ESSES OUTROS LUGARES QUE AS PESSOAS NEM IMAGINAM QUE POSSA ACUMULAR ÁGUA? 2. A GENTE TÁ NUMA RESIDÊNCIA AQUI, NÉ. DENTRO DAS RESIDÊNCIAS, TEM ALGUMA COISA QUE AS PESSOAS PRECISAM TER CUIDADO? 3. AGORA JUVENAL, A GENTE FALOU QUE SEMPRE O LIXO ACUMULADO, A ÁGUA ESTÁ NA CASA DO VIZINHO. SE ALGUÉM VER ALGUMA COISA, O QUE DEVE FAZER? <hr/> <ol style="list-style-type: none"> 1. POR QUE A PISCINA ESTÁ VAZIA? 2. E, ALÉM DISSO, O QUE A SENHORA COSTUMA FAZER AQUI TAMBÉM, DENTRO DE CASA, PRA EVITAR?
--	--

MGTV 1ª edição ENTREVISTA AO VIVO: DENGUE – CLAUDIA TEMPO: 01:59	22/01/2013
---	------------

<p>CLÁUDIA OLIVEIRA JUIZ DE FORA</p> <p>GUILHERME CORTES FERNANDES INFECTOLOGISTA</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. O QUE AS PESSOAS DEVEM FAZER PARA PREVENIR NESSAS ÁREAS A PICADA DO MOSQUITO? 2. AGORA, E COM RELAÇÃO, DEPOIS SE A PESSOA JÁ PEGOU A DOENÇA, NÉ. COMO QUE, PERCEBER QUAIS SÃO OS INDÍCIOS? 3. MUITA GENTE GOSTA DE TOMAR REMÉDIO QUANDO ESTÁ PASSANDO MAL. NESSE CASO DEVE?
---	--

Quinta

MGTV 1ª edição RETRANCA: VÔLEI – PATRÍCIA TEMPO: 01:33	24/01/2013
---	------------

<p>/// RODA VT ///</p> <p>IMAGENS OSWALDO NEIVA</p> <p>OFF 1</p> <p>JAPA PONTEIRO</p> <p>OFF 2</p>	<p>CABEÇA</p> <p>/// SOBE SOM ////</p> <p>DEPOIS DE QUATRO JOGOS CONSECUTIVOS FORA DE CASA, O TIME DE JUIZ DE FORA VAI REENCONTRAR A TORCIDA. E MESMO EM UMA PARTIDA CONTRA O SESI, COMANDADO PELO TÉCNICO GIOVANE GÁVIO, E COM NOMES DE PESO, COMO MURILO, CIDÃO E SERGINHO, A EQUIPE NÃO PRETENDE DAR MOLEZA.</p> <p>É O SESI. TEM O NOME, NÉ? JÁ FORAM CAMPEÕES BRASILEIROS. MAS A GENTE TÁ DENTRO DE CASA, TEMOS O APOIO DA NOSSA TORCIDA, A GENTE TREINA TODO DIA, NOSSO GINÁSIO. A GENTE TEM QUE APROVEITAR ISSO.</p> <p>E OLHA QUE JAPA E JUNINHO CONHECEM BEM O TIME ADVERSÁRIO. OS DOIS FIZERAM PARTE DA EQUIPE PAULISTA NA TEMPORADA PASSADA.</p>
--	--

<p>JUNINHO (PONTEIRO)</p> <p>OFF 3</p> <p>PATRÍCIA AGUIAR JUIZ DE FORA</p> <p>OFF 4</p> <p>MAURÍCIO BARA TÉCNICO</p>	<p>A GENTE SABE ALGUMAS MANIAS, ALGUNS VÍCIOS DO VOLEIBOL QUE ELES TÊM E QUE NÃO VÃO MUDAR AGORA PRA ESSE JOGO. ENTÃO VAMOS FICAR LIGADOS NISSO AI PRA CONSEGUIR ARRANCAR NOS MOMENTOS IMPORTANTES.</p> <p>PARA O JOGO DE LOGO MAIS, O TIME DE JUIZ DE FORA VAI ENTRAR SEM DESFALQUES. FORÇA TOTAL NA BUSCA POR UMA MELHOR COLOCAÇÃO. A EQUIPE TEM 11 PONTOS E É A DÉCIMA COLOCADA NO CAMPEONATO.</p> <p>APENAS OS OITO PRIMEIROS COLOCADOS NA TABELA SE CLASSIFICAM PARA A PRÓXIMA FASE DA SUPERLIGA. MAS DA OITAVA A DÉCIMA SEGUNDA POSIÇÃO, A DIFERENÇA É DE APENAS QUATRO PONTOS. POR ISSO, PONTUAR A PARTIR DE AGORA É DECISIVO.</p> <p>E NESSA HORA, A PRESENÇA DA TORCIDA PODE DESEQUILIBRAR.</p> <p>AGENTE TEVE UMA VOLTA AI MUITO BOA, FIZEMOS MAIS PONTOS AI EM QUATRO PARTIDAS DO QUE EM NOVE. ENTÃO A AGENTE ESPERA UM REENCONTRO COM A TORCIDA, A GENTE PRETENDE DAR AI MAIS PRESENTES DO QUE A GENTE AINDA NÃO DEU ESSE ANO. E CONTAMOS MUITO COM O DÉCIMO TERCEIRO JOGADOR.</p> <p>DEIXA: “... DÉCIMO TERCEIRO JODAGOR.” (NO BARA).//</p>
--	--

Sexta

MGTV 1ª edição RETRANCA: FLAGRANTES DE TRÂNSITO – PATRÍCIA TEMPO: 01:04	25/01/2013
--	------------

<p>/// RODA VT ///</p> <p>IMAGENS OSWALDO NEIVA</p> <p>OFF 1</p> <p>ROSA GONÇALVES PROFESSORA</p>	<p>CABEÇA</p> <p>/// SOBE SOM ////</p> <p>NAS RUAS DE JUIZ DE FORA NÃO É DIFÍCIL ENCONTRAR IRREGULARIDADES QUANDO O ASSUNTO É ESTACIONAMENTO. NAS FOTOS ENVIADAS POR UM TELESPECTADOR QUE NÃO QUIS SE IDENTIFICAR, CARROS EM FRENTE A UMA LOJA NO BAIRRO ALTO DOS PASSOS IMPEDEM A PASSAGEM DE PEDESTRES. AQUI O PROBLEMA É NO BAIRRO DOM BOSCO. ABUSOS QUE ESTÃO MESMO POR TODA A PARTE. CARROS PARTICULARES PARADOS NA VAGA DESTINADA A CARGA E DESCARGA, INCLUSIVE DE VALORES, E EM ÁREAS DE EMBARQUE E DESEMBARQUE.</p> <p>É FALTA DE CIDADANIA, NÉ? OS PAIS CHEGAM AQUI NA ESCOLA E NÃO TEM ONDE PARAR. TEM QUE PARAR NO LUGAR ERRADO PORQUE MEU</p>
---	--

<p>OFF 2</p> <p>GERALDO SOARES MESTRE DE OBRAS</p>	<p>EMBARQUE E DESEMBARQUE ESTÁ SEMPRE OCUPADO. E NÓS PEDIMOS SEMPRE, TODO ANO, DESDE O ANO PASSADO ESTAMOS PEDINDO TODAS ÀS VEZES PARA VIR A FISCALIZAÇÃO E TUDO, MAS ESTÁ SEMPRE ASSIM.</p> <p>AQUI, DOIS VEÍCULOS ONDE É PROIBIDO PARAR E ESTACIONAR. ESTE OUTRO FOI DEIXADO EM CIMA DA FAIXA DE PEDESTRES. E TEM ATÉ CARRO PARADO NA CONTRAMÃO.</p> <p>TEM QUE FAZER NOVOS, TOMAR “NOVAS DIREÇÃO”, PORQUE ESTACIONA ERRADO. TEM QUE SER MULTADO.</p> <p>DEIXA: “... TEM QUE SER MULTADO.” (NO GERALDO).//</p>
--	--

<p>MGTV 1ª edição ENTREVISTA AO VIVO: FLAGRANTES DE TRÂNSITO – CLÁUDIA TEMPO: 02:07</p>	<p>25/01/2013</p>
--	-------------------

<p>CLAUDIA OLIVEIRA JUIZ DE FORA</p> <p>JEAN AMARAL COMANDANTE DA POLICIA MILITAR</p>	<p>1- COMO É QUE A POLICIA MILITAR ATUA NESSES CASOS?</p> <p>2- AGORA, E NO CASO, A GENTE VIU NA MATÉRIA QUE NÃO SÃO SÓ NO CENTRO DA CIDADE. EM ALGUNS BAIRROS TAMBÉM TEM ESTACIONAMENTO IRREGULAR. O QUE AS PESSOAS PODEM FAZER? TEM FISCALIZAÇÃO DA POLICIA MILITAR NESSES LOCAIS?</p>
---	--